

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG**  
**CRISTIANE LEVANDOVSKI**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: IMPLANTAÇÃO DE UM POCKET  
PARK NO MUNICÍPIO DE DOIS VIZINHOS-PR.**

**CASCABEL**

**2017**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG**  
**CRISTIANE LEVANDOVSKI**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: IMPLANTAÇÃO DE UM POCKET  
PARK PARA O MUNICÍPIO DE DOIS VIZINHOS-PR.**

Trabalho de Conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, da FAG, apresentado na modalidade Projetual, como requisito parcial para a aprovação na disciplina: Trabalho de Curso: Qualificação.

Professor Orientador: Profº Arqº: Daniele  
Brum Souza

**CASCADEL**  
**2017**

## RESUMO

O presente estudo busca a capacidade que a arquitetura possui em contribuir na saúde e no bem-estar da população, para isso foi proposto a implantação de um pocket park para o município de Dois Vizinhos Paraná, a partir da problemática que devido a escassez de áreas verdes no município, procura-se através dessa implantação amenizar as necessidades de refúgio do meio urbano da população. Através das pesquisas realizadas, pode-se perceber a importância e eficácia da inserção desses locais nos centros urbanos, pois estes possuem grande influência sobre o homem e provou-se que a presença das plantas com suas cores, texturas e aromas, juntamente com o barulho da água aguçam todos os sentidos humanos de uma única vez, trazendo assim boas sensações ao usuário. A proposta do pocket park traz seu desenvolvimento pensado no bem-estar mental dos usuários, com a escolha da vegetação, bem como, insolação, conforto e estética adequados a esse propósito. A vegetação por sua vez possui todos os elementos atraentes ao interesse humano capaz de proporcionar o instantâneo esquecimento das outras coisas a sua volta, trazendo relaxamento e uma boa sensação, esses são capazes de contribuir para a melhora da qualidade de vida em geral. Isso se torna necessário, pois nas cidades esse contato com a natureza se torna cada vez mais raro e como consequência traz o aumento do estresse aos moradores. Conclui-se mostrando que é possível mesmo em uma área de atuação ainda tão nova, a contribuição para a satisfação pessoal de moradores de centros urbanos.

Palavras chave: Pocket Park, Áreas Verdes, Áreas Livres, Lazer, Paisagismo.

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES**

ABAP - Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas

ANP - Associação Nacional de Paisagismo

BYOB – Bring your own bottle – Traga sua própria garrafa

CBS - Columbia Broadcasting System – Sistema Columbia de Radiodifusão

FAG - Centro Universitário Fundação Assis Gurgacz

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

ONG – Organização Não-Governamental

PIB – Produto Interno Bruto

PR - Paraná

REUD – Real Estate & Urban Development - Real Estate & Desenvolvimento Urbano

## LISTA DE FIGURAS

|                                                               |    |
|---------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Perspectiva Paley Park de dia.....                 | 38 |
| Figura 2 – Perspectiva Paley Park com luzes.....              | 38 |
| Figura 3 – Planta Baixa Paley Park.....                       | 39 |
| Figura 4 – Vista aérea Greenacre.....                         | 40 |
| Figura 5 – Perspectiva Greenacre.....                         | 40 |
| Figura 6 – Planta Baixa Greenacre Park.....                   | 41 |
| Figura 7 – Pracinha Oscar Freire de dia.....                  | 42 |
| Figura 8 – Pracinha Oscar Freire à noite.....                 | 42 |
| Figura 9 – Planta Baixa Pracinha Oscar Freire.....            | 43 |
| Figura 10 – Vista aérea 50th Street Commons.....              | 44 |
| Figura 11 – 50th Street Commons.....                          | 44 |
| Figura 12 – Vista aérea do Município de Dois Vizinhos-PR..... | 46 |
| Figura 13 – Mapa do Município de Dois Vizinhos-PR.....        | 47 |
| Figura 14 – Esquema de Localização do terreno.....            | 49 |
| Figura 15 – Perspectiva terreno.....                          | 50 |
| Figura 16 – Vista frontal terreno.....                        | 50 |
| Figura 17 – Corte do terreno.....                             | 50 |
| Figura 18 - Esquema de insolação e ventos predominantes.....  | 51 |
| Figura 19 – Mapa do entorno do terreno.....                   | 52 |
| Figura 20 - Fluxograma.....                                   | 53 |

## SUMÁRIO

|                                                                    |           |
|--------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                           | <b>8</b>  |
| <b>2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS.....</b> | <b>11</b> |
| 2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS .....                                    | 11        |
| 2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS.....                              | 13        |
| 2.3 NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO .....                       | 17        |
| 2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO .....                              | 19        |
| <b>3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....</b>                                | <b>22</b> |
| 3.1 PAISAGISMO.....                                                | 22        |
| 3.1.1 Paisagismo no Brasil.....                                    | 24        |
| 3.2 PAISAGEM URBANA.....                                           | 25        |
| 3.2.1 Sensações.....                                               | 27        |
| 3.2.2 Cores.....                                                   | 27        |
| 3.3 ARQUITETURA BICLIMÁTICA.....                                   | 28        |
| 3.4 LAZER.....                                                     | 28        |
| 3.5 ESPAÇOS LIVRES.....                                            | 30        |
| 3.5.1 Áreas verdes.....                                            | 32        |
| 3.6 POCKET PARK.....                                               | 34        |
| 3.6.1 Pocket park no Brasil.....                                   | 36        |
| <b>4 CORRELATOS.....</b>                                           | <b>37</b> |
| 4.1 PALEY PARK.....                                                | 37        |
| 4.1.1 Aspecto Formal.....                                          | 37        |
| 4.1.2 Aspecto Funcional.....                                       | 38        |
| 4.1.3 Aspecto Ambiental.....                                       | 39        |
| 4.2 GREENACRE PARK.....                                            | 39        |
| 4.2.1 Aspecto Formal.....                                          | 40        |
| 4.2.2 Aspecto Funcional.....                                       | 40        |
| 4.2.3 Aspecto Ambiental.....                                       | 41        |
| 4.3 PRACINHA OSCAR FREIRE.....                                     | 41        |

|                                            |           |
|--------------------------------------------|-----------|
| 4.3.1 Aspecto Formal.....                  | 42        |
| 4.3.2 Aspecto Funcional.....               | 42        |
| 4.3.3 Aspecto Ambiental.....               | 43        |
| 4.4 50TH STREET COMMONS.....               | 43        |
| 4.4.1 Aspecto Formal.....                  | 44        |
| 4.4.2 Aspecto Funcional.....               | 44        |
| 4.4.3 Aspecto Ambiental.....               | 44        |
| 4.5 ANÁLISE DOS CORRELATOS.....            | 45        |
| <b>5 APLICAÇÃO NO TEMA DELIMITADO.....</b> | <b>46</b> |
| 5.1 CIDADE.....                            | 46        |
| 5.1.1 História.....                        | 47        |
| 5.1.2 Economia.....                        | 48        |
| 5.1.3 Cultura.....                         | 48        |
| 5.1.4 Hidrografia.....                     | 49        |
| 5.1.5 Construção Civil.....                | 49        |
| 5.2 TERRENO.....                           | 49        |
| 5.2.1 Análise do terreno.....              | 49        |
| 5.2.2 Análise do entorno.....              | 51        |
| 5.2.3 Programa de necessidades.....        | 52        |
| 5.2.4 Fluxograma.....                      | 52        |
| 5.2.5 Intenções Projetuais.....            | 53        |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>         | <b>55</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>                    | <b>57</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

O assunto abordado trás a proposta de elaboração de uma área de refúgio da população, envolvendo o paisagismo e tendo como tema um Pocket Park que será implantado no Município de Dois Vizinhos – PR e inserido na linha de pesquisa “Intervenções na Paisagem Urbana”.

Nota-se, no presente momento que no Município de Dois Vizinhos, há uma extrema precariedade de áreas verdes e de lazer para a convivência, interação e melhor qualidade de vida da população. Devido a isso, o tema proposto busca amenizar as necessidades do local, proporcionando uma área de lazer em meio à natureza, onde poderão desfrutar das diversas atividades, do conforto, das vistas e sensações que o lugar proporcionará.

Com relação a isso, o problema da pesquisa é: devido a escassez de áreas verdes no Município de Dois Vizinhos, é possível amenizar as necessidades de refúgio do meio urbano da população, através da implantação de um Pocket Park ?

A partir do problema, trabalha-se com a hipótese de que a implantação desse Pocket Park ocupará uma área no meio urbano pouco utilizada, dando a este local uma nova e adequada ocupação. Proporcionando a cidade e a população um ambiente de encontro e descanso agradável junto a natureza.

Como no Município há falta de áreas verdes e locais de lazer que beneficiem a população e auxilie na melhoria da qualidade de vida, a ocupação da área analisada será de extrema importância para amenizar essas adversidades que estão ocorrendo, além da atraente aparência e conforto térmico que trará ao local.

Sob este contexto, o objetivo geral da pesquisa busca propor através da implantação desse Pocket Park, mais áreas verdes e áreas de convivência ao Município de Dois Vizinhos, aproveitando ao máximo o local proposto que será estudado e analisado. Tornando-o uma área de lazer e descanso de todos os moradores locais e também dos munícipes vizinhos, onde estes poderão usufruir desse local agradável e aconchegante em meio à natureza.

Partindo dos pressupostos apresentados, elaboram-se os objetivos específicos: Apresentar o tema através de pesquisa bibliográfica; Conceituar Pocket Park; Descrever sobre a importância do tema para os centros urbanos; Apresentar assuntos bibliográficos que se englobam no contexto do tema escolhido; - Analisar obras correlatas; Expor a cidade escolhida; Estudar o terreno definido; Projetar um Pocket Park;

Baseando-se nos princípios da pesquisa, a opção do Marco teórico deste estudo foi fundamentado por Lira Filho (2001) e Abbud (2006), onde estes se pronunciam sobre o que é

o paisagismo e quando se tornou importante para as pessoas, e a importância das áreas verdes dentro das cidades, dando ênfase ao resultado da aproximação do homem com esses lugares:

O paisagismo é a única expressão artística em que participam os cinco sentidos do ser humano. Enquanto a arquitetura, a pintura, a escultura e as demais artes plásticas usam e abusam apenas da visão, o paisagismo envolve também o olfato, a audição, o paladar e o tato, o que proporciona uma rica vivência sensorial, ao somar as mais diversas e completas experiências perceptivas. Quanto mais um jardim consegue aguçar todos os sentidos, melhor cumpre o seu papel (ABBUD, 2006, p. 15).

De acordo com Lira Filho (2001, p. 133), as áreas verdes e espaços livres exercem diversas funções no meio urbano. Estas podem ser associadas ao conjunto de valores recreativos, paisagísticos ou ambientais, onde todas de alguma forma, possuem implicações sociais que refletem na condição de vida da população urbana. Além disso, as zonas urbanas que apresentam melhoria na qualidade de vida dos moradores, são as que possuem em seu meio urbano áreas verdes onde estes propiciam efeitos sócio econômicos benéficos às cidades, ou seja, são lugares mais valorizados devido aos seus recursos paisagísticos. Nesse contexto o autor acrescenta que, a aproximação do homem com a natureza, proporciona-lhe sensações com o que ele vê, ou através de qualquer outro estímulo dos seus sentidos, resultando em um ser mais produtivo e saudável (LIRA FILHO, 2001, p. 39, 132).

A elaboração da proposta procedeu-se por meio de pesquisas bibliográficas e pesquisa de campo, proporcionando embasamento teórico para o desenvolvimento do Pocket Park no Município de Dois Vizinhos – PR.

Segundo Ruiz (1996, p. 58), bibliografia é o agrupamento das obras escritas sobre determinado assunto, por autores renomados identificados ou não, onde estes possuem diversas correntes de pensamentos entre si ao longo do progresso da humanidade. Devido a isso, a pesquisa bibliográfica baseia-se no exame desse material, para levantamento e análise do que já foi escrito sobre assuntos determinados que atribuímos como assunto de pesquisa científica. Já na pesquisa de campo o autor afirma, que esse tipo de pesquisa “consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente relevantes para ulteriores análises”.

No decorrer do trabalho a contextualização foi dividida em seis capítulos. O primeiro apresenta uma introdução sobre o assunto, tema, justificativa, formulação do problema, formulação de hipóteses, objetivos gerais, objetivos específicos, marco teórico e o encaminhamentos metodológicos da pesquisa. O segundo capítulo evidencia as aproximações teóricas nos fundamentos arquitetônicos com o tema da pesquisa. No terceiro é feito o

embasamento do assunto através da revisão bibliográfica. O quarto capítulo apresenta os correlatos que vão servir de inspiração para a elaboração do projeto. No quinto apresenta-se a cidade e o terreno escolhido, fazendo suas análises e observações necessárias para o melhor entendimento. E por fim as considerações finais que buscam mostrar a relevância de cada capítulo apresentado e o que se pretende alcançar com a elaboração do projeto proposto.

## 2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETONICOS

Neste capítulo será apresentado as aproximações teóricas nos fundamentos arquitetônicos que compõem os 4 pilares do curso de arquitetura e urbanismo, são eles: Na história e teorias, nas metodologias de projeto, no urbanismo e planejamento urbano e nas tecnologias da construção. A intenção principal é apresentar a relevância do tema escolhido em cada um dos pilares, através de um embasamento teórico.

### 2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS

No período colonial, o conceito de praça no Brasil era de espaço público aberto, especialmente “ao comércio, à política e às atividades religiosas, eventos que apresentavam as relações sociais”. Porém, diferente do século XVIII, esses espaços constavam com equipamentos urbanos que alteraram seu conceito original, onde estes ganharam também a função de lazer (MENDES *et al*, 2011a, p.51).

Na Idade Média, a praça passa a adotar características das praças europeias, “que atingirá o apogeu a partir do Renascimento. Antes disso, a praça era algo irregular, considerada um vazio aberto no meio urbano”. A partir do período Medieval, esses locais passam a ser “um largo de geometria irregular, mas com funções importantes de comércio e reunião social”. Desta forma, as praças dessa época, definem-se na praça de igreja e do mercado (LAMAS, 2000, p.154).

Somente a partir das últimas décadas do século XVIII, iniciou-se uma pesquisa na Europa por paisagistas, sobre jardins orientais, intensificando ainda mais o prestígio pitoresco ou pictórico de suas exibições. Entre esses estava o arquiteto Lancelot Capability Brown que projetava jardins que engrandeciam suas formas nativas, e através de meios artificiais procurava reproduzir a natureza em seu estado rústico (MENDES *et al*, 2011b, p.136).

No entanto, esses espaços foram esquecidos com o acontecimento da primeira revolução industrial, pois, com a grande necessidade de mão-de-obra nas fábricas, os moradores do campo se deslocaram para as cidades em busca de emprego. Isso fez com que ocorresse uma ocupação desordenada nos territórios urbanos, onde os locais que seriam destinados à essas áreas de lazer passam a ser ocupados também pela população (PAIVA e GONÇALVES, 2002, p.12). Após a implantação da revolução industrial, a condição de muitas cidades retratava completamente o inverso das diversas promessas feitas a população, de uma sociedade mais homogênea e

igual para todos, com horas de trabalho reduzidas, maiores salários e mais tempo para lazer (MENDES *et al*, 2011b, p.135).

No passado o ritmo de vida de uma cidade parecia mais lento e mais estável do que o ritmo de vida humana, e os homens encontravam na cidade um ponto de apoio e de referência para sua experiência; agora acontece o contrário, e faz falta aquele ponto de apoio pois a fisionomia da cidade parece mais efêmera do que a memória humana (BENEVOLO, 2001, p.158).

Entretanto, logo os primeiros sintomas da superlotação inadequada dos centros urbanos começaram a aparecer, e os moradores começaram a sentir as necessidades desses locais nos meios urbanos. Surgem então as primeiras praças públicas como forma de lazer ativo e contemplativo (PAIVA e GONÇALVES, 2002, p.12).

No entanto, Lamas (2000, p.311) afirma que “a morfologia do subúrbio do século XIX estabelece apenas algumas alternativas à morfologia tradicional”. É somente a partir da cidade-jardim que são constituídas diversas formas de composição das cidades em questão social, econômica e territorial, onde sua materialização resultaria em um ambiente completamente renovado, com baixa densidade e presença constante de espaços verdes.

Nesse contexto, o século XIX é marcado “pelo ajardinamento dos velhos e novos espaços públicos-praça situados nas áreas centrais e junto aos bairros de elite”, esse novo método se torna modelo padrão de todos os lugares e o comércio passa a ser “excluído dos principais logradouros-praça de cada cidade”. Devido a isso, a praça-jardim transforma-se em uma referência social nos centros urbanos e passa a ser demonstrada através de suas características singulares como canteiros de plantas, quiosques e fontes (ROBBA e MACEDO, 2010, p.11).

A introdução desses espaços nos centros urbanos ocorreu também através da evolução e do refinamento do modo de viver da população. Com isso, a vegetação foi incorporada nas cidades dando espaço a criação de novos locais, como o parque, o jardim e recintos arborizados que serviram como áreas de recreação (LAMAS, 2000, p.194).

Referente a isso, o urbanismo moderno concebeu no século XX, o lazer nos centros urbanos como algo indispensável para o homem da cidade (ROBBA; MACEDO, 2010, p.35). Na visão de Glancey (2001, p.226), esses espaços através da arquitetura tornaram-se especiais e junto com ela embelezam as cidades até os dias de hoje.

Desta forma Lamas (2000, p.176) conclui que, as praças nas cidades começam então a ser reconhecidas como um ambiente especial, e não mais um vazio nos centros urbanos e com isso passam a receber valores simbólicos, artísticos, funcionais, políticos e sociais.

## 2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS

Segundo Sun (2008, p.62), o paisagismo tem sua origem na Inglaterra no início do século XVIII, logo após os jardins paisagens que tinham a finalidade de reproduzir ambientes românticos e naturais de lugares ondulados e matas, onde estes eram adaptados à terrenos enrugados “e ao clima úmido inglês”. No entanto, de acordo com Lira Filho (2001, p.112), no período colonial do Brasil o paisagismo ainda era muito pouco lembrado. As cidades e os povoados possuíam ruas de aparência uniforme, as moradias não possuíam recuos e com isso não sobrava espaço para os jardins. A sensação de uniformidade era intensa pela inexistência do verde, pois não existiam jardins nas residências nem tampouco nas ruas da cidade. Apenas as famílias requintadas que moravam em chácaras possuíam horta, pomar e jardins no entorno de suas casas. Devido a isso, Marx (2004, p.52) afirma que os gregos criaram os primeiros jardins públicos, pois eram um povo mais sociável que decidiu distribuir o verde pela cidade para desfrutar melhor dos espaços urbanos.

Com a excessiva urbanização provocada após a Segunda Guerra Mundial que durou até 1945, ocorre o surgimento do paisagismo como resultado desse acontecimento. Pois este estimularia a ocupação inadequada do território, resultando em esbanjamento de riquezas naturais, energéticas e a separação espacial de grupos de pessoas por diversos fatores. Os jardins junto as residências são então aceitos como algo necessário e harmonioso, tanto para os moradores das cidades quanto para os distantes dela, porém, as soluções para os centros urbanos seria o deslocamento do subúrbio moderno (SUN, 2008, p.91).

A grande tendência à urbanização que segue até hoje se acelerou. As desigualdades entre ricos e pobres eram exacerbadas por cidades superlotadas, poluídas e miseráveis, quase tornaram uma realidade graças à centralização da indústria. Entre outros fatores, isso ajudou a fomentar ações e ideias filantrópicas. Uma reação a isso foi a criação de parques públicos para oferecer alento e refúgio da rígida realidade urbana. Muitos desses parques não eram apenas para os ricos; também ofereciam seus encantos às massas (WATERMAN, 2010, p.38).

Já na década de 1950, surgiram e se alicerçaram no país os essenciais traçados “de projeto paisagístico contemporâneo”, onde estes tornaram-se o cenário de importância na construção das áreas verdes no meio urbano que só então passaram a tomar forma. Tais ideias eram características do urbanismo moderno, que considerava como ideal nas cidades um cenário de construções isoladas, submersas em um verde ininterrupto (LIRA FILHO, 2001, p.118).

Para Robba e Macedo (2010, p.11, 35), os espaços livres e áreas verdes da cidade são considerados opções de lazer e, concorda também que estes são itens indispensáveis para o urbanismo moderno para que se consiga proporcionar uma boa qualidade de vida à população urbana dessa década. Em relação a isso, os usuários, paisagistas e arquitetos já não se contentam mais com os estilos de parques e praças propostos até o momento, pois buscavam nesses locais um programa de atividades mais elaborado. Devido a isso “a praça-jardim torna-se um ícone social do espaço urbano e passa a ser vista e representada socialmente por meio de suas figuras e elementos mais significativos, como canteiros ajardinados, fontes, quiosques” etc.

Mesmo com essas adversidades, a passagem do século XIX para o XX é definida pelo reconhecimento da relevância das áreas verdes no meio urbano como algo satisfatório para a salubridade e para a população (FARAH *et al*, 2010, p.43).

De acordo com Macedo (2012, p.19), no século XXI a arquitetura paisagística no Brasil se torna uma realidade, acontecimento este que já possuía certa relevância na última década do século antecedente, com o significativo crescimento de demandas públicas ou privadas dentro das cidades. “Estas são derivadas do aumento da população urbana, para as quais o tratamento em escala dos espaços livres se torna uma necessidade”.

Toda área urbana ou porção do território, situada em espaços livres, com predomínio de vegetação e que tenham um valor social, pode ser denominada área verde. Nelas estão contidos bosques, campos, matas, jardins, alguns tipos de praças, parques, etc. Esse valor social atribuído a essas paisagens vincula-se ao seu utilitarismo em termos de área de produção de alimentos, ao interesse para conservação ou preservação de conjuntos de ecossistemas ou mesmo de um único ecossistema, ao seu valor estético/cultural e mesmo a sua destinação para o lazer ativo ou passivo. No contexto social, as áreas verdes se destacam por cumprir um papel harmonizante entre diversas camadas da população, pela existência de parques e praças públicas congregando em seus ambientes os mais diversos tipos de pessoas de diferentes faixas etárias, credos e níveis sócio-culturais. Nessas áreas, o convívio comunitário é favorecido (LIRA FILHO, 2001 p.136).

Mascaro (2008, p.27), afirma que as áreas verdes urbanas possuem duas classificações:

- Área verde principal: formada pelos parques, clubes de esporte, as hortas e floriculturas. –
- Área verde secundária: formada pelas praças, largos e ruas arborizadas”.

De acordo com Robba e Macedo (2010, p.11, 32, 370), os espaços livres no meio urbano tornam-se opções de lazer presentes nas cidades para a população usufruir. Esses espaços como parques e praças públicas começam a ser desfrutados para esta finalidade e então, passam a ser distribuídos por diversos bairros, tornando-se um componente necessário para a existência das cidades, fazendo despertar o interesse público. Essas áreas de convivência possuem um papel de

atrair a população local, fazendo com que estas à frequentem “a fim de desfrutar de momentos de relaxamento e tranquilidade em áreas arborizadas e ajardinadas”. Ou seja, as praças e as ruas da cidade formam um dos mais significativos espaços urbanos públicos na história das cidades brasileiras, que desde os primórdios, encarrega-se de desempenhar sua função nas relações sociais. Com isso, as praças tornam-se por primazia, “um ponto de convergência da população, que a ela acorre para o ócio, para comerciar, para trocar ideias, para encontros românticos ou políticos, enfim, para o desempenho da vida urbana ao ar livre” .

Nesse contexto Barra (2006, p.59, 61) relata que, em maio de 1967 em meio a densa malha urbana de Nova York, “um tradicional nightclub” foi tombado para dar lugar à primeira uma área verde nomeada como pocket park. Esta foi conceituada “como uma sala de estar ao ar livre, com paredes, piso e teto (formado pelas copas das árvores plantadas muito próximas)”, deveria oferecer também, pequenos empreendimentos para que os visitantes pudessem comprar lanches e bebidas, e em alguns casos era aceito pequenos bares, desde que o lugar constasse com uma grande área. “No conceito original, já se previa a queda d’água como elemento estético e auditivo, artifício capaz de gerar uma sonoridade tranquilizante e, ao mesmo tempo, de abafar os ruídos indesejáveis da cidade”.

Desta forma, as cidades que apresentam uma considerável melhoria no bom desempenho da qualidade de vida da população, são as que constam com a presença de áreas verdes, onde estas resultam em efeitos sociais e econômicos favorecendo as cidades. Sendo assim, possuindo maior valor em relação as demais cidades que não são beneficiadas com paisagismo (LIRA FILHO, 2001, p.39).

A vegetação é condição indispensável à qualidade ambiental e desempenha funções históricas, estéticas e sociais. As plantas embelezam o bem cultural, atraem e alimentam a fauna silvestre, sobretudo pássaros e, conseqüentemente, diminuem a população de pragas; estabilizam o clima e melhoram o microclima por promoverem o equilíbrio térmico e atenuarem o calor, regulam a umidade e temperatura pela evapotranspiração, diminuem a força dos ventos, oxigenam o ar, atuam como filtros que atenuam níveis de som e poluição. A qualidade aérea depende diretamente da fotossíntese (DELPHIM, 2005, p.97).

Ainda sobre vegetação, Waterman (2010, p.75) afirma que elas além de nos propiciar diversas maneiras de conforto, se encarregam também de nos proporcionar sombra através das árvores, servem como barreiras dos ventos fortes, deixam o ar mais agradável e as vistas da cidade mais bonitas e aconchegantes. “As plantas também podem ser usadas para proteger o solo da erosão, absorver excesso da água que escoar durante as tempestades ou retirar contaminantes do solo poluído, entre tantos outros atributos positivos”.

De acordo com Marx (2004, p.207), é através dessas paisagens que podemos tirar bons partidos para amenizar a correria da nossa vida, em meio ao mundo atual. São estas áreas como os parques e praças que vão possuir grande importância em nosso dia a dia, pois podem nos proporcionar um equilíbrio em meio a essa sociedade tão instável. Esses lugares podem possuir “caráter social, educativo, científico. As funções serão determinadas pelas aspirações da época, ligando-se à conduta, tanto ética quanto estética, do homem”.

Devido a isso, o êxito do projeto de paisagismo nos centros urbanos tem relação com o cumprimento dos desejos e carências da população, principalmente no que diz respeito aos espaços para prática de atividades. No entanto, para que isso seja possível, é necessário analisar as diversas qualidades e faixa etárias das pessoas, pois nem todos gostam das mesmas coisas (ABBUD, 2006, p.37).

Para que isto aconteça, Lira Filho (2001, p.16) afirma que na elaboração de um projeto, o paisagista deve dispor “de elementos construídos e, ou, vegetais, bem como dos sentimentos”, para que assim seja possível proporcionar uma relação de entrosamento com os possíveis visitantes da área verde a ser construída. Considerando isso, para chegar a esse objetivo é necessário utilizar “alguns elementos básicos de comunicação visual, tais como a linha, a forma, a textura, e a cor, bem como de princípios de estética. São princípios que se encontram nas mais variadas formas de arte”.

[...] A estética é a primeira função do paisagismo e é por meio dela que se consegue atingir e emocionar o espectador. Hoje, com o ritmo de vida mais acelerado e o confinamento doméstico causado pela insegurança das ruas, o paisagismo traz a natureza para perto das pessoas. Nas áreas tratadas paisagisticamente, as crianças e os adolescentes podem crescer, brincar, correr e descobrir as plantas. Nelas os adultos e idosos podem relaxar e recarregar suas baterias para enfrentar o dia a dia das grandes cidades. Essas necessidades alteram em muito os horizontes do paisagismo, tornando-o muito mais importante do que no passado para o equilíbrio e a qualidade de vida das populações urbanas (ABBUD, 2006, p.33).

Além disso, o paisagismo ganha vantagens em relação às edificações, pois estas com o passar dos anos iniciam um processo de envelhecimento e desgaste desde o momento em quando são encerradas. Já nos jardins ou áreas verdes presentes nos meios urbanos as plantas “crescem, desenvolvem-se e amadurecem. Com o passar das estações, elas proporcionam um espetáculo, sempre mudando e emocionando, desde o primeiro frescor da primavera até os galhos nus do inverno” (WATERMAN, 2010, p.96).

## 2.3 NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO

O urbanismo “tal como o conhecemos, que se pretende uma ciência dos estabelecidos humanos, nasce em decorrência da Revolução Industrial” (HAROUEL, 1990, p.114). É através desse acontecimento que se inicia o processo de deslocamento da população para a ocupação descontrolada dos centros urbanos. Isto ocorreu devido ao grande número de fábricas nas cidades, onde estas necessitavam de mão-de-obra, influenciando os moradores do campo a se deslocarem para as cidades em busca de trabalho. Através da excessiva carga horária desses trabalhadores que começaram a ter problemas físicos e psicológicos, é onde percebeu-se a importância dos espaços verdes nas cidades, para que a população tivesse um lugar de refúgio das fábricas desfrutando dessas áreas como forma de lazer ativo e contemplativo. Desta forma, surgem nos centros urbanos as primeiras praças públicas (PAIVA e GONÇALVES, 2002, p.12).

[...] a revolução industrial é quase imediatamente seguida por um impressionante crescimento demográfico das cidades, por uma drenagem dos campos em benefício de um desenvolvimento urbano sem precedentes (CHOAY, 2003, p.3).

O surgimento do urbanismo no Brasil é decorrente do urbanismo progressista europeu, e também através da França, que tinha ligação com a nossa arquitetura por meio da Missão Francesa (FARRET, 1985, p.58). Onde este segundo Harouel (1990, p.120), é fissurado pela modernidade, ou seja, a cidade do século XX deve se encaixar nesse período, afirmando como contemporâneo “tudo aquilo que se traduz como o avanço da técnica: a indústria, o automóvel, o avião. A estética modernista à base de racionalidade e austeridade é acompanhada pelo desprezo da cidade antiga”. De acordo com a Carta de Atenas, esta diz que muitos valores na arquitetura precisam ser salvos e conservados, ou seja, recomenda a preservação de alguns monumentos mais relevantes, onde é necessário a retirada de casas antigas do meio urbano para a criação de áreas verdes.

De acordo com Franco (1997, p.80), foi no período clássico barroco que a árvore foi introduzida nos meios urbanos, ocasionando com isso novos espaços nas cidades como, os jardins, parques, alamedas e passeios arborizados. Para Moretti (1997, p.127), isso ocorreu através do acelerado desenvolvimento da população mundial no último século, fazendo com que esses locais assumissem uma grande importância.

Somente a partir das primeiras décadas do século XIX que as indústrias começaram a se dar conta e a se indagar sobre suas próprias atuações no passado, isso resultou em uma tentativa de resolver o problema de planejamento das cidades elaborados muito antes disso (CHOAY,

2003, p.2). Com isso, entre o final do século XIX e o início do século XX, foram elaboradas reformas urbanas em muitas cidades brasileiras onde o objetivo era um urbanismo moderno. Para isso foram realizadas diversas intervenções, desde obras de saneamento até o embelezamento paisagístico (MARICATO, 2013, p.17).

No entanto, o estabelecimento de princípios urbanísticos passou por uma série de dificuldades, pois, a relevância dos espaços verdes no meio urbano vem sofrendo diversas modificações nos últimos anos (MORETTI, 1997, p.128). Essas áreas fazem parte do então chamado desenho ambiental, onde este parte de condições pressupostas para “responder a uma determinada questão que necessite de uma expressão espaço-temporal, em qualquer escala, partindo de princípios de conservação ambiental e objetivando a melhora da qualidade de vida e o desenvolvimento sustentado” (FRANCO, 1997, p.132).

De acordo com isso, Paiva e Gonçalves (2002, p.20), conceituam áreas verdes todas as áreas que contenham algum tipo de vegetação, sejam elas públicas ou privadas, com funções sociais, ecológicas, científicas e culturais. Rodrigues (1986, p.54) afirma, que essas áreas devido a presença de sombras, possuem um papel relevante dentro das cidades, pois são nestes devidos lugares que as pessoas escolhem para passar ou parar para uma conversa.

Nas grandes cidades a presença de áreas verdes possui uma necessidade maior, porem isso ocorre em todas devido a suas peculiaridades. Nessas cidades de porte menor, o verde não precisa estar necessariamente numa área específica, pois estas ainda mantem um “caráter bucólico”. Entretanto, possui uma dificuldade em saber quando a cidade deixou de ser pequena e vai necessitar de mais verde em seu meio. Geralmente, quando o poder público e a população se dão conta da falta, a cidade já cresceu muito, apresentando todas as carências possíveis em áreas verdes e de lazer. Quando esse momento não é previsto a tempo, “os sintomas de crise aparecem, e a criação das áreas verdes é mais difícil e mais cara, pois, quase sempre, exige mudanças radicais no processo de urbanização”. A ausência ou a má distribuição dessas áreas nas cidades, podem gerar problemas sociais, privilegiando apenas uma porção da população em questões de lazer e recreação e também a melhoria climática e a proposta de lugares sombreados somente numa parte das cidades. O autor ainda acrescenta que esses espaços possuem tanta importância porque a presença de vegetação nos meios urbanos ameniza o clima quente além de embelezar a cidade. É algo indispensável para a vida urbana e pode ser encontrada em lugares como praças ou parques (PAIVA e GONÇALVES, 2002, p.20, 21, 23, 26).

Choay (2003, p.97, 109) ressalta, a importância de áreas arborizadas nas cidades, buscando com isso “a perda de calor pela evaporação e pelo diferencial térmico produzido.

Assim, auxilia-se a ventilação, promovendo-a nas proximidades dos espaços construídos”. A vegetação deve ser empregada também para propiciar sombra quando fundamental, amenizando desta forma, as consequências da radiação solar. Esta pode servir “como um filtro das radiações absorvidas pelo solo e pelas superfícies construídas, refrescando os ambientes próximos, ou seja, as folhas das árvores servem como proteções de lugares que se encontram próximos. Além disso, a vegetação desempenha nas cidades a função de eliminar poluentes, através do seu “processo de fotossíntese ou a partir de seus próprios elementos constitutivos”.

Nesse contexto, Marcellino (2002, p. 17-18) afirma, que é no lazer que se encontra a maior importância do verde nos centros urbanos, onde este deve procurar atender todas as necessidades das pessoas, porém, para isso é importante que estas tenham conhecimento sobre os conteúdos que saciem os seus interesses e, para isso é necessário ter conhecimento das opções que o lazer dispõe. Essas opções estão diretamente ligadas as subdivisões abrangidas dentro dos conteúdos do lazer, ou seja, “os interesses artísticos, os intelectuais, os físicos, os manuais, os turísticos e os sociais”.

[...] as manifestações de lazer ilustram, portanto, padrões recorrentes de busca da emoção e do prazer nos limites de uma cultura e civilização determinadas e num intervalo histórico conhecido. Isto significa afirmar que o lazer apresenta, ao mesmo tempo, a complementaridade essencial entre o racional e o emocional do homem, entre o subjetivo e o coletivo e, ainda, entre os diferentes momentos de cada vida individual com relação a si mesma, tudo isto manifestado nos limites de dada formação social (GUTIERREZ, 2001, p. 62).

## 2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO

Adaptar “a arquitetura ao clima” de um certo local é o mesmo que projetar espaços que proporcionem ao homem situações de conforto. Cabe ao papel da arquitetura, amenizar os desconfortos de lugares com climas rigorosos, ou seja, os que possuem muito calor, frio ou ventos, tornando estes ambientes agradáveis assim como os espaços ao ar livre. “Nas regiões predominantemente quentes no Brasil, a arquitetura deve contribuir para minimizar a diferença entre as temperaturas externas e internas do ar” (FROTA e SHIFFER, 2003, p.53, 66).

Para que isso seja possível, Romero (2000, p.53, 109) afirma os espaços abertos arborizados devem fazer parte do meio urbano, para que através disso consiga-se a perda de calor através da evaporação e pelo diferencial térmico produzido, auxiliando desta forma a ventilação, e conseqüentemente a proximidade dela nos espaços construídos. De acordo com

isso, para colaborar com a arquitetura foram desenvolvidos métodos de conforto térmico, que servem como um mecanismo importante para a análise das formas de controle do ambiente. Isso permite a identificação das variáveis que devem ser remodeladas ou também utilizadas para se conseguir as exigências de conforto necessárias.

O microclima nos espaços abertos das áreas urbanas é influenciado por diversos parâmetros como a geometria urbana, a vegetação, corpo d'água e propriedades térmicas dos materiais de construção. Os usos inadequados dessas variáveis contribuem para um ambiente desfavorável com temperaturas no ambiente urbano superior a do seu entorno, criando as chamadas “ilhas de calor”. Ruas e praças estão entre os espaços urbanos que vêm se deteriorando quanto à qualidade ambiental e conforto térmico. Esta degradação é devida, principalmente, a uma descontinuidade no uso desses espaços. Em regiões tropicais onde predominam altas temperaturas quase o ano todo, os espaços públicos abertos só podem ser freqüentados se houver sombreamento o que torna as temperaturas amenas e suportáveis. Os primeiros estudos de conforto térmico foram realizados para áreas fechadas, locais de trabalho, com a finalidade de proporcionar maior rendimento do trabalhador. O ambiente interno sofre influência direta do ambiente externo, sendo necessária também a realização de estudos de conforto térmico em áreas abertas (CARFAN, GALVANI e NERY, 2010, p.1).

Nesse contexto, Favretto e Chvatal (2011, p.2) relatam que existem muitos estudos que comprovam que a vegetação urbana é eficaz no alívio do microclima dos centros urbanos. O verde das cidades possui também outras funções, como a de diminuir “a incidência da radiação solar”, ajuda na umidade do ar e concebe microclimas com adequadas condições de conforto. No entanto, para que seja totalmente evidente os resultados, as propostas de “áreas verdes devem levar em conta conhecimentos a respeito das potencialidades climáticas da vegetação, seja quanto à sua disposição como quanto às características físicas e fisiológicas”.

Na visão de Romero (2001, p.94), a eficiência da vegetação varia, ou seja, quanto “maior for o número de folhas de cobertura por unidade de terra”, maior vai ser a capacidade de absorção. Com isso, a ordem de relevância por eficiência seria, as árvores, os arbustos e a grama. As árvores através de um cinturão verde são capazes de melhorarem a qualidade do ar, esse objetivo pode ser alcançado com fileiras de árvores ao longo de uma avenida, por exemplo. Isso resultará na absorção de poluentes e na dispersão de sons indesejáveis.

De acordo com isso, a vegetação nas cidades contribui muito, melhorando a qualidade do ar, servindo de barreira contra ventos indesejáveis e como condutora para a ventilação natural. As condições do ar também podem ser beneficiadas com a presença da vegetação, “pois esta tem a capacidade de absorver as partículas poluentes em suspensão e promover a redução de CO<sub>2</sub>, oxigenando a atmosfera, através da fotossíntese”, além disso, absorve as radiações que

seriam absorvidas pelo solo ou pelas superfícies construídas, resultando em ambientes próximos mais refrescantes. (MONTEIRO, 2011, p.81).

Em relação à radiação solar, a vegetação tem um comportamento seletivo para com os diferentes comprimentos de onda, pois absorve cerca de 90% da radiação visível e 60% da infravermelha. A radiação absorvida é utilizada para as funções vitais da vegetação. Uma pequena quantidade da radiação é transmitida através das folhas e o restante se reflete. Assim, por meio da arborização, tem-se uma atenuação da radiação de onda curta, evitando os efeitos de ofuscamento e reverberações em virtude do contraste sombra/sol. Em relação à radiação de onda longa, há uma redução no aquecimento das superfícies e, conseqüentemente, do calor emitido por estas. Grande parte da energia solar absorvida se converte em calor latente pela evapotranspiração da água de suas folhas. Assim, a evapotranspiração resfria não só a planta como o ar em sua volta (LABAKI et al, 2011, p.24, 25).

Portanto, “a radiação de onda longa das folhas é mais lenta que a das superfícies dos arredores, e, por esse motivo, as pessoas nas áreas verdes estão mais sujeitas a menor pressão do calor radiante”. Isso resulta em um ar mais fresco perto do solo das áreas verdes, cenário bem diferente do ar das áreas construídas (ROMERO, 2001, p.94).

Nesse sentido, para o total desempenho da vegetação nas cidades, estas dependem também das espécies definidas, pois, devem atender as exigências do inverno e também do verão. Para isso é necessário a escolha de espécies que no inverno percam suas folhas oportunizando a passagem do sol e no verão a mesma seja capaz de proporcionar sombreamento (ROMERO, 2000, p.97).

### 3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Nesta etapa serão abordados os conceitos da pesquisa dos temas referentes ao projeto que será proposto, de acordo com alguns escritores de forma com que acrescente na estruturação do mesmo.

#### 3.1 PAISAGISMO

O paisagismo é considerado uma nova área do conhecimento humano, apesar de sua origem remontar-se ao histórico existencial do homem. Pressupõem-se, que somente depois que o homem alterou a sua conduta de nômade para estabilizar-se em um único lugar e explorar o entorno, foi que o paisagismo se inseriu em sua vida. Com isso, ele começou a utilizar o paisagismo para satisfazer suas necessidades tanto funcionais como estéticas (LIRA FILHO, 2001, p.14). Para Abbud (2006, p.33), a estética é uma das primeiras funções do paisagismo e através disso é possível proporcionar emoções ao espectador. Atualmente, com o ritmo de vida apressado e com o aprisionamento do homem em suas casas ocasionado pela insegurança dos centros urbanos, se torna função do paisagismo trazer o verde para próximo das pessoas. Desta forma, os adultos podem usufruir desses espaços tratados paisagisticamente para relaxar e recarregar suas energias. Já as crianças e adolescentes podem utilizar para brincar, correr e descobrir os espaços e as plantas.

Segundo Waterman (2010, p.52), “O paisagismo é uma disciplina inexata. Quando há tantos elementos com os quais se trabalhar, nos deparamos com os limites da capacidade humana”. O paisagista sempre tenta organizar tudo dentro das circunstâncias, sempre com a melhor intenção, para que toda expectativa esperada desses espaços pelo homem seja atendida com satisfação. No contexto de Leenhardt (2006, p.2), “a arte dos jardins é provavelmente a mais ambígua, a mais difícil e ao mesmo tempo a menos apreensível de todas as artes”. Isso porque, somente com a própria vegetação obtém-se como resultado um jardim.

Esse tema possui uma dimensão muito ampla, que vai desde o conhecimento científico até os artísticos. Para elaborar um projeto paisagístico é preciso ter “conhecimentos de solos, botânica, ecologia, psicologia, sociologia, urbanismo, entre outros”. Já no campo da arte, este encaixa-se nas artes plásticas, por trabalhar com elementos inertes e vivos, além de fazer parte também das artes industriais (LIRA FILHO, 2001, p.18). Segundo Abbud (2006, p.33), assim como todas as outras artes, o paisagismo procura originar beleza, visto que qualquer espaço

surge baseado em propósitos estéticos. Estes, evidenciam-se através da “composição das formas, das cores, e texturas, da luz e sombra, dos aromas e sabores”.

Desta forma, diferente das construções que a partir do momento em que são acabadas já iniciam um processo de envelhecimento e desgaste, as plantas desses espaços “crescem, desenvolvem-se e amadurecem”. Assim, com o decorrer das estações, elas propiciam um espetáculo aos nossos olhos, sempre alterando suas cores e texturas e com isso sempre nos emocionando, “desde o primeiro frescor da primavera até os galhos nus do inverno” (WATERMAN, 2010, p.96).

Nesse contexto, o paisagismo pode ser tanto público como particular, em ambos é capaz de revelar-se um agente influenciador de emoções. Desta forma, torna-se um espaço favorável para se refugiar dos problemas cotidianos (MENDES, 2011, p.138). O sucesso desses espaços está diretamente ligado ao cumprimento das necessidades e expectativas da população, principalmente quando se trata de locais para atividades. Portanto, para obter-se bons resultados é preciso analisar todos os tipos de pessoas, pois cada faixa etária gosta ou necessita de diferentes coisas. Toda essa preocupação modificou completamente os horizontes do paisagismo, que agora se tornou um assunto muito mais relevante do que no passado em relação ao equilíbrio e qualidade de vida do homem (ABBUD, 2006, p.33, 37). Além disso, segundo Lira Filho (2001, p.34), para ser um paisagista é preciso ter conhecimentos sobre psicologia, para ser possível compreender o vínculo do homem com a paisagem.

De acordo com Waterman (2010, p.96), o paisagismo é importante não só para o prazer visual, mas também para outros benefícios como, “controle da erosão, no manejo das águas pluviais e no controle do clima”. Para Abbud (2006, p.15, 17), ele “é a única expressão artística em que participam os cinco sentidos do ser humano. Enquanto a arquitetura, a pintura, a escultura e as demais artes plásticas usam e abusam apenas da visão, o paisagismo” abrange também o tato, o paladar, o olfato e a audição, o que nos propicia uma grande experiência sensorial. Contudo, um jardim que cumpre bem o seu papel é capaz de despertar todos os sentidos no homem. Um deles é o olfato, tudo atrai esse órgão nas áreas verdes, seja pelo aroma da vegetação na brisa da manhã, no entardecer “ou em dia de chuva, seja pelo odor da grama recém-cortada, pelas nuvens de perfumes que diversas flores, folhas, cascas e ramos podem exalar em vários momentos do dia e da noite”.

Portanto, “um dos maiores proveitos que se pode tirar das paisagens atuais está relacionado aos benefícios físicos e mentais que as mesmas são capazes de proporcionar à sociedade”. Esses privilégios são de grande importância ao homem em qualquer circunstância,

seja estudando, trabalhando, dormindo, se alimentando ou dedicando ao lazer (LIRA FILHO, 2001, p.130).

### 3.1.1 PAISAGISMO NO BRASIL

A exploração do paisagismo no Brasil acontece no Período Colonial, no entanto, seu reconhecimento no mercado só iniciou na década de 80 do século passado, quando a população e os donos de empreendimentos notaram a importância desses espaços agradáveis e começaram a demonstrar maior interesse em implanta-los (LIRA FILHO, 2001, p.20). Segundo Silva (2009), “o grande marco do paisagismo no país foi o surto de nacionalismo decorrente do pós-guerra”. Partindo disso, chegam aos jardins os conceitos do admirável e respeitado paisagista Roberto Burle Marx, que tinha como propósito defender a utilização da flora tropical. Esse seu modo esbelto de projetar jardins era seguido como modelo por muitos paisagistas da época e principalmente pelos profissionais atuais.

Com o passar das décadas, o paisagismo das grandes cidades esteve concentrado em secretarias de obras e similares. É a partir disso que os parques e praças passam a ser implantados nos centros urbanos, com um traçado natural, influenciado pelas formas antigas e reduzidas do ecletismo recente “e com a vegetação disposta de um modo simples, por vezes elementar, formando aleias e bordaduras convencionais, dispostas paralelamente a canteiros e caminhos”. Apesar da relevância que esses espaços começam a receber, ainda são poucos os que adquirem um paisagismo de qualidade, independente da linha projetual que se inseria, seja ela moderna ou eclética. Somente no século XXI, é que a arquitetura paisagística se torna uma realidade no Brasil, devido as consolidações de séculos anteriores, e também pelo aumento da demanda nos setores públicos e privados. Isso ocorreu devido ao crescimento exagerado da população nas cidades, onde então se torna uma necessidade o tratamento de espaços livres (MACEDO, 2012, p.19, 20).

Na década de 30 segundo Dourado (2009, p.105), o jovem paisagista Roberto Burle Marx precisou defender o paisagismo como uma manifestação artística, pois a sua profissão havia se tornado um passatempo entre as classes urbanas. Até o ano de 1970, era ele juntamente com a sua equipe que dominavam as atividades existentes no país, por décadas foram responsáveis por diversos projetos privados e públicos importantes. Isso ocorreu devido a grande escassez de profissionais que empregavam a arquitetura paisagística. Somente após essa década Burle Marx começa a receber reforço de outros novos profissionais como: Benedito

Abbud, Sidney Linhares e Luciano Fiaschi, além de Landscape architect formado no exterior. Junto a isso, surgem novas oportunidades no mercado para o paisagismo, devido à expansão da procura pela execução de espaços livres. Com isso, ocorre um aumento da necessidade e procura pela realização de parques e praças públicas, que agora se encaixam em programas de lazer e recreação (MACEDO, 2012, p.19, 23).

Entre todos Roberto Burle Marx foi o que mais se destacou, muitas foram as suas contribuições, porém, a maior delas está na produção de conceitos através de esboços “que incorporam as formações naturais sem imitá-las, como o fazia o jardim inglês, nem submetem a vegetação à ordem racionalista da topiaria, como na tradição francesa”. Através desses padrões ele realizou alguns dos seus mais famosos projetos da década de 50, o Aterro do Flamengo e a Calçada de Copacabana (FRANCO, 1997, p.22). Na abordagem de Dourado (2009, p.173), ele possuía traçados em curvas estratégicas em seu paisagismo, assim como também, a assimetria. Esta era uma ideia grandemente divulgada entre as artes plásticas modernas e a arquitetura, que alertava um dos principais problemas com métodos e princípios compositivos do século XIX.

De acordo com Macedo (2012, p.24-26), somente na década de 90 começaram a surgir “as primeiras empresas de projeto paisagísticos em escala, atendendo em especial ao mercado imobiliário, como as dirigidas por Benedito Abbud, Gilberto Elkis e Sérgio Santana”. Nesse ano também, já havia surgido duas associações nacionais de paisagistas, a ABAP (Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas) que reunia somente os arquitetos que prestaram ao paisagismo e também paisagistas com formação no exterior, e a ANP (Associação Nacional de Paisagismo) que tinha o propósito de reunir profissionais com formações diversas. O autor ainda ressalta que somente no período de 1980 à 2006 é que realmente ocorrem grandes mudanças nos projetos de paisagismo nacional, isso tudo devido ao progresso cultural da sociedade brasileira que sempre vinha exigindo novidades.

### 3.2 PAISAGEM URBANA

Com o passar dos anos surgiram novas perspectivas relacionadas à natureza, ou seja, paisagem natural ou cultural. Estas serviriam como objeto de estudo, para associar o homem com a natureza e suas atitudes com ela, propiciando com isto a história ambiental e das paisagens. Neste contexto, as paisagens surgem da inevitabilidade de entender as necessidades humanas, relacionado com a instabilidade ecológica já presente na história. Esta preocupação é

atual, porém os problemas são de muito tempo atrás. “A humanidade vive em busca de um poder econômico insustentável para a capacidade da natureza, os quais buscam apenas a satisfação financeira sem limites e sem ética alguma” (BRITTES, 2010, p.6, 7).

Segundo Bonametti (2004, p.108, 109), as paisagens urbanas não devem ser levadas em conta somente por aquilo que observamos, mas também por meio do que nos identificamos e do que não conseguimos ver, no entanto sentimos, ou seja, tudo aquilo que nos proporciona sensações. Quando nos deparamos com o ambiente de uma cidade, “as primeiras impressões que se tem das edificações, das praças, das vegetações, ainda da luz, dos sons e até do ar, no qual paira a poeira de suas ruas, são indícios para se obter um verdadeiro quadro dos lugares”.

No entanto, segundo Landim (2004, p.29), as cidades junto com sua paisagem não se dispõem apenas por aspectos construídos e formais, “tais como praças, casas, jardins e avenidas, entre outros”. Ela é resultado de um âmbito social e definida também através da forma de utilização e apropriação desses espaços pelos usuários desse ambiente urbano. Desta forma, a cidade torna-se um espaço capaz de gerar incentivos perceptivos em seus habitantes, fazendo com que eles entendam que isso seja simplesmente a capacidade de adquirir novas informações a partir dos elementos observados. Com isso, Macedo (2012, p.54) afirma que, “toda paisagem é estruturada por um conjunto de elementos formais, como suporte físico, construções e vegetação, e pelos processos intervenientes na sua geração”.

Já para Mercante (1991), a paisagem urbana é resultado de mudanças no meio realizadas pelo homem, sendo assim uma paisagem natural modificada onde esta vincula-se aos sistemas políticos e econômicos presentes no processo histórico.

Assim, a paisagem urbana configura-se e qualifica-se basicamente por meio desses elementos: o suporte físico, ou seja, o relevo, o solo, o subsolo e as águas, a cobertura vegetal original ou não, as estruturas ou massas de edificações e sua relação dialética com os espaços livres, o uso do solo, os loteamentos e o clima com suas alterações de ciclo diurno/noturno e as estações do ano. Contudo, a paisagem urbana não é delimitada apenas por esses elementos. Ela é uma imagem, uma criação mental e social; está na mente das pessoas, nas relações de uso que se estabelecem entre os cidadãos, e entre estes e os elementos citados. A paisagem não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores e sons (LANDIM, 2004, p.28, 29).

Sob o ponto de vista de Macedo (2012, p.54), paisagem urbana é definida pela paisagem da cidade que encontra-se no território ocupada pelas praças, parques, espaços livres, ruas, quadras, fábricas, casario, instalações urbanas etc. Já referente ao paisagismo, a paisagem entende-se como um resultado formal de processos naturais e sociais sobre um perímetro

determinado do espaço, onde este é compreendido em sua plenitude como o ambiente da vida de diversos grupos de seres vivos.

Portanto, a paisagem urbana é o resultado da relação entre o homem e a natureza, e pode ser vista também como uma forma de tentar entrosar o entorno com suporte em uma paisagem natural. A forma como esta é planejada e construída condiz com uma cultura que é o produto final que se tem do ambiente quando este é observado, e também o conhecimento adquirido tanto individual como coletivo em relação a ele (BONAMETTI, 2004, p.109).

### 3.2.1 Sensações

No contexto de Dourado (2009) é cativante aquele que consegue proporcionar em um único ambiente um grande número de sensações no homem, permitindo a estes infinitas ideias e efeitos os quais garantem o desenvolvimento de vida e espírito de cada um. Neste aspecto Farah (2010) relata, que as texturas e aroma das plantas desenvolvem efeitos psicológicos aos seres humanos, ocasionando diversas reações que ocorrem de diversas maneiras à cada um. Entre as mais comuns está o alívio do estresse provocado pela fragrância das plantas e também pelo toque à elas.

### 3.2.2 Cores

Segundo Farina (1986, p.27), a cor é uma linguagem única, e a reação do homem com ela está diretamente ligada as suas condições físicas e influencias culturais. “Não obstante, ela possui uma sintaxe que pode ser transmitida, ensinada”. A cor é capaz de proporcionar várias funções em um individuo como: “a de impressionar, a de expressar e a de construir”. Nossa retina é impressionada quando observa a cor, e isso gera uma sensação. Desta forma, é considerada construtiva, pois tem um significado próprio e com isso torna-se um atributo com capacidade de desenvolver uma linguagem que transmite uma ideia.

Nesse contexto a cor se torna um aspecto de grande relevância na paisagem não possuindo somente funções estéticas. As cores na paisagem podem gerar sensações de desconforto ou conforto, variando o estado psicológico e até fisiológico dos visitantes de um espaço. Este é formado por um conjunto de cores visíveis de um certo angulo constituído pelos pisos, mobiliário, fachadas e pelos elementos naturais. Nesse sentido, o homem pode sentir

diversas sensações, sejam elas agradáveis ou não. No entanto, quando estas são desagradáveis tem-se a opção de trocar as cores dos pisos, paredes, mobiliário e também da vegetação, escolhendo tons de flores e folhagens (GONÇALVES e PAIVA, 2004, p.137).

Com isso, Lacy (1996) afirma que o verde é a cor da harmonia e do equilíbrio, sendo que a mesma se encontra no centro das cores, não se encaixando nas cores quentes nem frias. Isso agrega-lhe funções como redutora de estresse, fazendo com que os visitantes de espaços com esse tom sintam-se mais tranquilos.

### 3.3 ARQUITETURA BIOCLIMÁTICA

A arquitetura bioclimática é uma forma de desenho lógico que reconhece a perseverança do existente, “é culturalmente adequada ao lugar e aos materiais locais e utiliza a própria concepção arquitetônica como mediadora entre o homem e o meio”. Com isso, a urbanização exagerada muitas vezes tem sentido de utilizar em segunda intenção as qualidades do local, abrangendo nesse descaso o relevo e outras qualidades morfológicas do terreno. O impacto desfavorável proporcionado a população quando as construções se tornam em indutores de mudanças climáticas pode ser evitado com um desenho adequado. Através da integração de princípios ambientais, históricos, culturais e tecnológicos é que se obtém o resultado do desenho urbano. Esses elementos colaboram com a aplicação do desenho e para o procedimento formal de materialização da forma na cidade, “desde que se incorpore também a base tecnológica necessária para tratar o espaço urbano como espaço arquitetônico” (ROMERO, 2001, p.28).

Nos aspectos ambientais entra a seleção de espécies arbóreas para a constituição das florestas urbanas, que deverá compreender os princípios físicos dos ambientes. Muito relevante no aspecto estético e ecológico é muito importante também para a qualidade de vida, pois o homem tem grande importância para o conceito de paisagem. O autor ainda ressalta que são apenas algumas espécies que possuem características bioclimáticas, contribuindo com isso para uma vida melhor e um clima mais adequado (GONÇALVES e PAIVA, 2004, p.131).

### 3.4 LAZER

Somente com o acontecimento da Revolução Industrial, o lazer passa a ser percebido e com isso ocorre a divisão das áreas comunitárias, familiares e profissionais, portanto, existe dentro do lazer um ponto de vista que não o considera como um trabalho. Essa definição foi

formada através da observação da sociedade moderna que em sua grande maioria carrega consigo as mesmas marcas ambientais citadas por obras de alguns autores como Weber, Marx e Durkheim (GUTIERREZ, 2001, p.6). Esse episódio fez com que a população fosse empurrada para as periferias, onde estas estavam sendo transformadas em cidades dormitórios. Com isso, a escassez das áreas públicas de lazer contribuiu para que a população se fechasse em si mesma, em suas casas, bairros e favelas (EACH/USP, 2001, p.27).

Segundo Da Rocha e Delconti (2008, p.7), o lazer é algo que surge junto com a cidade industrial onde a população dedicava todo o seu tempo ao trabalho assalariado. No início o trabalho era muito intenso e a carga horária elevada, não possibilitando as pessoas tempo para o lazer, isso só foi possível devido a luta das classes trabalhadoras.

De acordo com a Each/usp (2001, p.27, 59), após a revolução a inserção do ser humano com a natureza foi sendo comprometida, pois devido ao surgimento dos ambientes urbanos os espaços destinados as áreas verdes foram reduzidos. Desta forma, o que antes era considerado uma relação mais próxima, passa então a ser afastado com a urbanização. No Brasil, 43% da população das metrópoles convivem com a escassez de espaços destinados ao lazer, fazendo com que os urbanistas corram em busca de instalações modelos para satisfazer as necessidades das cidades.

“Com relação à utilização da palavra ‘lazer’ o que se verifica, com maior frequência, é a simples associação com experiências individuais vivenciadas dentro de um contexto mais abrangente que caracteriza a sociedade de consumo”, isso acaba resultando na diminuição do conceito relacionado a determinadas atividades. O lazer como atitude é definido pela relação entre o sujeito e a prática vivida, ou seja, é a satisfação alcançada com a atividade. Já o lazer como tempo, é definido pelas atividades produzidas no tempo livre do trabalho e também das obrigações sociais, familiares e religiosas (MARCELLINO, 2008, p.7, 8).

É através dessas realidades que esse contexto deve ser percebido, onde este se insere em um contexto pela busca de atividades que proporcionem prazer, bem-estar físico, mental e um crescimento moral e intelectual (GUTIERREZ, 2001, p.29, 30). Para Sampaio e da Silva (2011, p.19), o lazer pode proporcionar descanso e divertimento, levando as pessoas a desenvolverem pensamentos culturais sobre este aspecto e não se tornarem consumidores de uma mercadoria.

Souza *et al* (2011) afirma que a definição de lazer esta ligada a atividades compensatórias, funcionais e utilitárias. Seu objetivo é através da busca de ações alcançar retornos e tirar o máximo de proveito para proporcionar benefícios a si mesmo. Ele “pode ser

ao mesmo tempo férias e trabalhos voluntários, andar e fazer esporte, prazeres gastronômicos e entretenimentos musicais”, leituras, estudos ou uma simples conversa. Essas atividades não necessitam de pagamento e são obrigações que cabem à família, sociedade e religião, sendo sempre realizadas livremente com o objetivo de propor bem-estar aos indivíduos que o praticam. Portanto, “o lazer não pode ser compreendido como um simples assimilador de tensões ou alguma coisa boa que ajude a conviver com as injustiças sociais”.

[...] o ideal seria que cada pessoa praticasse atividades que abrangessem os vários grupos de interesse, procurando, dessa forma, exercitar, no tempo disponível, o corpo, a imaginação, o raciocínio, a habilidade manual, o contato com outros costumes e o relacionamento social, quando, onde, com quem e da maneira que quisesse. No entanto, o que se verifica é que as pessoas geralmente restringem suas atividades de lazer a um campo específico de interesses. E geralmente o fazem não por opção, mas por não terem tomado contato com outros conteúdos. (MARCELLINO, 2008, p.18).

De acordo com a Each/usp (2001, p.42, 60), as áreas verdes também são consideradas uma distração que envolve vários conteúdos. Portanto, uma pessoa que frequenta esse tipo de local e se exercita pode desenvolver interesse físico-esportivo, pode se encontrar com os amigos e se englobar nos interesses sociais, ou pode somente contemplar a natureza desse local encaixando-se nos interesses turísticos.

Para Marcellino (2008, p.17, 18), todas as atividades de lazer devem buscar satisfazer as pessoas em todos os aspectos. No entanto, para que isso seja possível, é de extrema importância que essas mesmas pessoas tenham um bom entendimento sobre esses conteúdos que satisfazem seus interesses, que elas sejam incentivadas a participar e orientadas sobre as opções disponíveis. “Em outras palavras, a escolha, a opção, está diretamente ligada ao conhecimento das alternativas que o lazer oferece. Por esse motivo é importante a distinção das áreas abrangidas pelos conteúdos do lazer”.

### 3.5 ESPAÇOS LIVRES

Nos dias atuais, para todos nós a crise ambiental se tornou um problema constante, estimulando uma boa parte das pessoas a procurarem mais eficiência energética e também por novas formas de moradia, circulação e lazer dentro das cidades. Além disso, o procedimento de elaboração do espaço urbano vem modificando as paisagens das cidades no decorrer dos anos, e em sua maioria ocorrem de maneira desenfreada, sem consultar os estudos de planejamento urbano, podendo com isso refletir em uma péssima qualidade de vida para a população. Frequentemente ocorrem muitas mudanças na aparência das cidades, devido a degradação feita

pelo homem em muitos espaços que acabam resultando no abandono de espaços livres públicos, por não cumprirem com a sua função social. Geralmente essas ocupações desordenadas acontecem nos espaços livres das cidades, estes que são considerados um respiro em meio a densa massa urbana construída (SILVEIRA, 2016, p.33).

Nesse contexto, considera-se áreas livres os locais que possuem o mínimo possível de elementos construídos ou vegetação como, ruas, vielas, passeios, pátios, largos, etc. Ou ainda, aqueles que possuem presença efetiva da vegetação como, as praças, parques e jardins, que possuem funções essenciais de recreação, circulação, equilíbrio ambiental e composição paisagística. Incluem-se ainda, os espaços ocupados por maciços arbóreos encontrados no quintais residenciais e condomínios fechados, além das áreas remanescentes de ecossistemas como, matas, lagoas etc (MSEQUITA e CARNEIRO, 2000). Segundo Queiroga *et al* (2011), todos esses locais “são considerados como um sistema, ou seja, os elementos e as relações que organizam e estruturam o conjunto de todos os espaços livres de um determinado recorte urbano”. Neste estão todos os espaços livres implantados em alguma parte da cidade, independente da sua função, dimensão, localização e propriedade.

Os sistemas de espaços livres públicos, fortemente representados pelas áreas verdes, têm grande importância para a melhoria da qualidade de vida urbana, tendo-se como principais benefícios a recuperação de áreas degradadas, a renovação de áreas subutilizadas, a conservação e restauração dos recursos naturais a prestação de serviços ambientais – principalmente a amenização da poluição e das temperaturas, proporcionando um maior conforto ambiental – e a eficiência para drenagem de águas, além da prestação de serviços de saúde pública em áreas adequadas. A soma desses fatores gera a demanda para que sejam feitas análises das relações entre o ambiente construído e as áreas livres existentes, bem como pensadas propostas de ações sobre esses espaços livres de sua requalificação (SILVEIRA, 2016, p.33).

Em relação as funções vinculadas pelos espaços livres, esta o seu emprego na circulação, na percepção dos volumes edificados e da paisagem, “como artifício para a interiorização do ar e da luz nas edificações, na estruturação da morfologia urbana, na proteção de recursos naturais e culturais, ou ainda, serem destinados para práticas recreativas”. Podem servir ainda como locais para manifestações populares, comemorações, festas, protestos e comércio informal. Com isso, suas diversas funções e seu destaque na paisagem urbana o tornam um atrativo para milhares de pessoas (CHADDAD, 2000).

Portanto, os espaços livres possuem grande probabilidade de modificação no desenvolvimento de construção da paisagem. Desta forma, são considerados também como os locais mais frágeis e um dos mais favoráveis à reestruturação do território, “já que podem

assumir algumas importantes funções, por exemplo, como lugar dos ecossistemas, da percepção da paisagem e como possível lugar para o futuro da ocupação urbana” (TARDIN, 2010, p.44).

### 3.5.1 Áreas verdes

As áreas verdes e os jardins desde antigamente tinham o propósito de local para passear e repousar. No entanto, com as complicações geradas atualmente pelas cidades modernas, essas áreas, parques e jardins tornaram-se algo necessário no embelezamento do traçado urbano, e também como aspecto de salubridade, lazer e preservação ambiental (LIMA e AMORIM, 2006, p.71).

Paiva e Gonçalves (2002, p.21) afirmam, que na atualidade estão ocorrendo muitas dificuldades em perceber o momento certo em que uma cidade deixou de ser pequena e passou a necessitar de áreas verdes em seu traçado. Geralmente, quando as autoridades notam a falta desses espaços a cidade já atingiu um tamanho relativo, resultando na deficiência dessas áreas de lazer. A falta de consideração com as áreas verdes junto ao crescimento das cidades ocasiona sintomas de crise, pois acabam se tornando mais caras e mais difíceis, visto que exigem modificações bruscas no urbanismo da cidade.

Segundo Moretti (1997, p.131), todos os municípios possuem uma legislação de parcelamento do solo, onde exigem a doação de uma porcentagem do total da gleba para destinar a implantação de empreendimentos públicos, ou seja, é nesses espaços doados que são implantadas as áreas verdes. Entretanto, as áreas destinadas para este fim muitas vezes são impróprias e geralmente acabam sendo ocupadas por favelas. Em alguns casos também, essas áreas acabam sendo fragmentadas em diversos espaços pequenos que acabam servindo apenas como jardins urbanos, mal arborizados e gramados, tornando-se impróprios para o uso da sociedade (MACEDO, 2012, p.93). Já Mascaró (2005, p.179) afirma que, a fragmentação de grandes áreas verdes em diversos pontos da cidade traz vantagens aos usuários que não precisam se locomover por distancias muito longas para usufruir desses espaços, além de que o mesmo vai ser muito mais utilizado. Porém o autor acrescenta que muitas cidades que adotaram esse método não percebem que essa ação encarece o custo de infraestrutura urbana.

No entanto, mesmo com essas adversidades as áreas verdes possuem grande importância dentro dos centros urbanos, porém Gomes e Soares (2017, p.23) destacam “a necessidade de uma distribuição mais igualitária de áreas verdes na cidade”. Pois desta forma, esses espaços reservados ao lazer quando bem distribuídos e equipados, tornam o seu entorno mais

valorizado, agregando maior procura pela população que busca uma vida mais saudável. Esses espaços podem ser tanto públicos como privados, e são definidos pela presença de vegetação que se divide em categorias designadas “ao lazer (parque, praça, jardins residenciais, quintais), a conservação ambiental (unidades de conservação), ou fins especiais (cemitérios, campus universitário, etc)” (LIRA FILHO, 2001, p.137).

Para Moretti (1997, p.134) “o que se convencionou chamar de áreas verdes neste texto, encontra-se na legislação também com as denominações de espaços livres de uso público, sistema de lazer, áreas de recreação, entre outras”. Essa variedade demonstra que esses espaços acabam englobando diversas funções, ou seja, possuem aspectos ambientais através da vegetação, declividade ou tipo de solo e também aspectos de recreação, com tamanhos, tipologias e funções bem distintas. Já para Lira Filho (2001, p.92), áreas verdes são todas as áreas que possuem vegetação encontradas em solo permeável. Essas englobam-se na categoria dos espaços livres de construções, pois encontram-se em “quintais, jardins, pátios, praças, parques etc., enfim, em praticamente todos os espaços livres da cidade brasileira. A presença da vegetação é uma característica da cidade contemporânea nacional”, sendo utilizadas de várias formas, seja ela interna ou externa.

Portanto, “toda área urbana ou porção do território, situada em espaços livres, com predomínio de vegetação e que tenham um valor social, pode ser denominado área verde”, onde estas podem ser praças, parques, jardins, campos, bosques, matas, etc. Dentro desse contexto essas áreas cumprem uma função harmonizante para toda a sociedade, pois em uma praça pública por exemplo, encontramos os mais variados tipos de pessoas, com diferentes faixas etárias e classes sócio culturais (LIRA FILHO, 2001, p.136). Ou seja, conceitua-se área verde todas as áreas públicas ou privadas, que apresentam qualquer tipo de vegetação significativa vertical ou horizontal, e que possuam o propósito de uso cultural, social, científico ou ecológico (PAIVA; GOLÇALVES, 2002, p.20). Levando isso em conta, Lima e Amorim (2006, p.71) acrescentam que esses lugares servem também como equilíbrio do ambiente urbano, sendo capaz de proporcionar um colorido e plasticidade aos centros urbanos.

De acordo com Paiva e Gonçalves (2002, p.60), a falta desses espaços ocasiona diversos problemas, os principais são: a sensação de desconforto gerado pelas ilhas de calor, comprometendo a qualidade do ar; alagamentos provocados pelo assoreamento do leito dos rios e a elevada impermeabilização das bacias; desmoronamentos estimulados pelo desmatamento em áreas de risco; “a falta de referencia urbana; a ausência de contraste entre o natural e o construído”. Nessas circunstâncias, entendemos que o verde no meio urbano é algo

indispensável a estrutura da paisagem urbana e como possui aspectos ambientais, atua em diversos fatores como elemento de equilíbrio. Outro aspecto relevante em manter essas áreas, é a relação homem-natureza, para que a população da cidade entre em contato com essa vegetação “e não se sinta perdido na massa de concreto que, aos poucos, vai se apoderando dos espaços ainda livres das grandes cidades [...]” (MARX, 2004, p.210).

Entre as diversas vantagens de manter as áreas verdes, Romero (2001, p.94) relata que esses espaços são capazes de reduzir a temperatura, devido a isso, “a radiação de onda longa das folhas é mais lenta que a das superfícies dos arredores, e, por esse motivo, as pessoas nas áreas verdes estão mais sujeitas a menor pressão do calor radiante”. Como consequência dessa perda de água, o ar nessas áreas é mais fresco em relação ao das áreas construídas. Segundo Lira Filho (2001, p.133), as diversas funções que as áreas verdes desempenham nos centros urbanos podem ser classificadas em três grupos: “valores paisagísticos, valores recreativos, e valores ambientais. Todas estas funções, direta ou indiretamente, têm implicações sociais com reflexos na qualidade de vida da população urbana”.

Nesse contexto Farah et al. (2010, p.102), relata que o contato com a natureza é capaz de propiciar ao homem benefícios psicológicos. A abordagem desse tema intensificou o reconhecimento dos espaços verdes distribuídos pela cidade, e despertou também interesse dos proprietários de indústrias, escritórios, fábricas e hospitais a implantarem em seus empreendimentos essas áreas verdes em busca da “saúde mental e o bem-estar dos usuários”.

Desta forma, Lira Filho (2001, p.39, 138) conclui que os centros urbanos com relativa evolução na qualidade de vida, proporcionada pela existência de áreas verdes, “provocam efeitos sociais e econômicos benéficos às cidades, sendo, consequentemente, mais valorizadas em detrimento de outros mais pobres em recursos paisagísticos”. Isso porque, as plantas encontradas nas áreas verdes, trazem privilégios, embelezam a cidade, reduzem os ruídos do trânsito intenso ou de outras fontes sonoras, melhoram o clima local propiciando um conforto ambiental mais adequado.

### 3.6 POCKET PARK

O conceito dos pocket parks iniciou após a apresentação do tema em uma exposição. Estes eram concebidos como minúsculas “salas de estar ao ar livre, com paredes piso e teto”, formado pela aproximação das copas das árvores plantadas muito próximas (BARRA, 2006, p.61; TATE, 2001, p7).

Já na definição de Maluf (2014, p.20, 21), estes espaços são conceituados como “parques de bolso”, pois são bem menores em relação aos demais estilos de parques. Devido a esse conceito, são instalados em lotes urbanos considerados sobras que não servem para serem edificadas devido à pequena área existente. A localização dos lotes também se faz muito importante na escolha para garantir o significado desses parques, que devem ficar no coração das cidades, onde se tem grandes avenidas e movimento constante. Maluf acrescenta ainda que a escolha das árvores é de grande importância, devendo ser “esguias”, e que se adequem as estações proporcionando sombra com copas bem fechadas no verão e no inverno percam suas folhas para que os visitantes possam tomar sol nos dias frios.

Desde os primeiros Pocket Parks já fazia parte da concepção oferecer pequenos locais com lanches e bebidas para os visitantes, sendo aceito um pequeno bar quando este é instalado em uma área que permita um empreendimento relativamente maior (BARRA, 2006, p.61). Seu propósito baseia-se em proporcionar um espaço de refúgio para as pessoas do meio urbano, para que possam descansar e se isolar alguns minutos dos transtornos das cidades e das suas atividades do dia-a-dia. Isso justifica a importância da implantação em locais estratégicos, assim como o programa de necessidades que o compõe (TATE, 2001, p.5).

De acordo com Barra (2006, p.61), desde o início já se utilizava a queda d’água como um elemento importante para a composição desse parque, pois pode ser utilizado como componente estético ou auditivo, onde segundo Tate (2001, p.7) e Barra (2006, p.61) é capaz de proporcionar um ambiente sereno, tranquilo e em contrapartida reduzir os ruídos presentes nas cidades.

Segundo Maluf (2014, p.20, 21), todos esses aspectos entram em sua definição, porém ele acrescenta um e ressalta a sua relevância, ou seja, para ele um Pocket Park deve oferecer também: bancos, cadeiras e mesas, fáceis de locomover para que fique a critério do visitante escolher o local em que deseja sentar para descansar. Para Tate (2001, p.7) esses móveis devem ainda ser confortáveis e resistentes a intempéries. Além disso, Maluf (2014, p.21) ressalta que os Pocket Parks em geral são semelhantes, no entanto, alguns podem possuir variações dependendo do lugar ou cidade que está implantado, ou seja, cada cidade acaba dando uma cara diferente para o seu Pocket.

### 3.6.1 Pocket Park no Brasil

Para a maioria dos brasileiros, os pocket parks ainda são considerados uma inovação desconhecida por eles. Muitas dessas pessoas já ouviram falar dessa nova modernidade dos centros urbanos, porém uma grande parte nunca se quer ouviu o termo. No entanto, na cidade de São Paulo essa situação está predestinada a mudar, com o seu novo plano diretor que incentiva a criação de espaços como esse (MALUF, 2014. p.65).

Segundo Valter Caldana, diretor da Faculdade de arquitetura e urbanismo do Mackenzie, a cidade de São Paulo é um ótimo local para a implantação de locais como esse, não só por ser uma cidade grande, mas devido a sua grande aglomeração urbana esse tipo de empreendimento está se tornando uma necessidade para a população poder se refugiar dessa densa massa de concreto. Acrescentando a essa fala, Nabil Bonduki vereador e relator do novo plano diretor também acredita e incentiva essa ideia, pois concorda que os pockets são excelentes espaços para o caos de São Paulo e que estes podem se tornar uma estratégia para revitalizar áreas degradadas, tornando dessa forma uma cidade mais agradável e preocupada com a saúde e qualidade de vida de seus habitantes (SÃO PAULO ESTADÃO, 2014).

Em março de 2014 na cidade de São Paulo, ocorreu a aprovação do novo plano diretor pela câmara de vereadores, e junto deste, a ementa que prenuncia a criação de pockets pelo centro urbano (MALUF, 2014, p.66). Essa iniciativa das autoridades já gerou resultados, pois em maio de 2014 foi inaugurada a Pracinha Oscar Freire, o primeiro pocket da cidade inspirado no tão adorável Paley Park de Nova York (PAISAGENS URBANAS, 2015).

## 4. CORRELATOS

O projeto proposto tem como referência projetual as obras a seguir. As quais se conceituam por aspectos propostos para o Pocket Park. Permitindo então inspirações recorrentes e maior compreensão do método empregado em suas concepções e articulações.

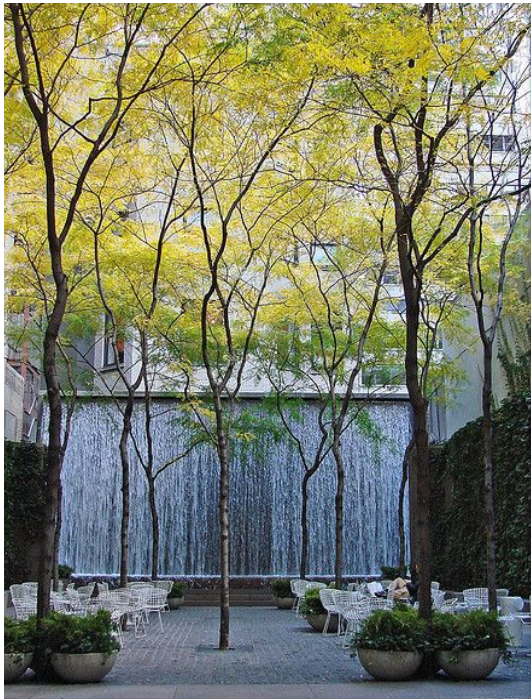
### 4.1 PALEY PARK

O Paley Park foi o primeiro pocket park do mundo, projetado para a cidade de Nova York em 1967 na rua 53, pelo então presidente da poderosa CBS, o paisagista William Paley. Dois anos antes, ele havia decidido comprar o terreno onde estava implantado um tradicional nighclub que foi derrubado para dar lugar ao seu empreendimento. Esse espaço em meio a densa malha urbana de Nova York custou à ele 750 mil dólares e mais de 250 mil para a execução do projeto e construção, além do dinheiro gasto com as manutenções futuras. O propósito de criar esse espaço era com a intenção de torna-lo um memorial em homenagem a seu pai, um empresário e filantropo russo que havia falecido em 1963. Para tornar esse desejo realidade Paley contratou os arquitetos paisagistas Harold Breen e Robert Zion, que foram escolhidos porque anos antes já haviam divulgado preceitos sobre esse tipo de espaço (BARRA, 2006, p.59).

#### 4.1.1 Aspecto formal

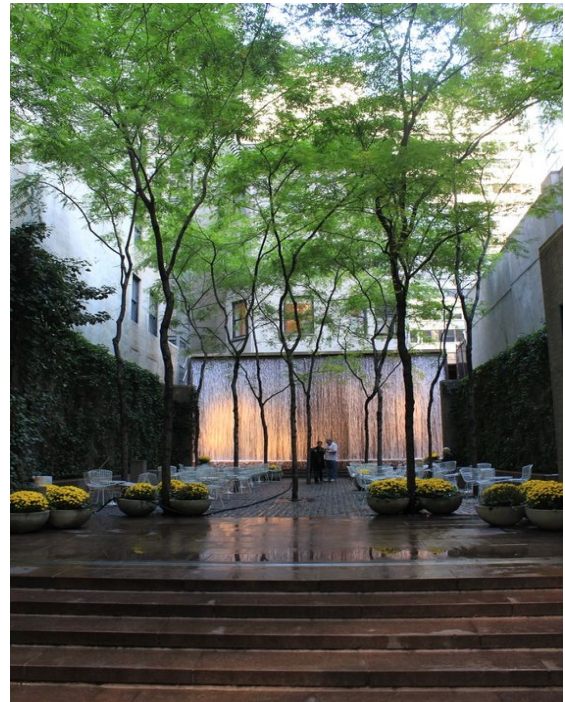
Apesar do terreno estreito de 13x30 m, o Paley Park se adaptou perfeitamente ao espaço. Suas formas simples o tornam ao mesmo tempo um lugar rebuscado, aconchegante e que atrai o olhar dos pedestres à entrarem nele. Formado basicamente por vegetação, sua função principal é a de envolver o visitante como um todo, transmitindo tranquilidade e aconchego. Sua entrada em marcada por um leve estreitamento ocasionado pelos espaços destinados para um café.

Figura 1 - Perspectiva Paley Park de dia



Fonte: Pinterest (2017)

Figura 2 - Perspectiva Paley Park com luzes

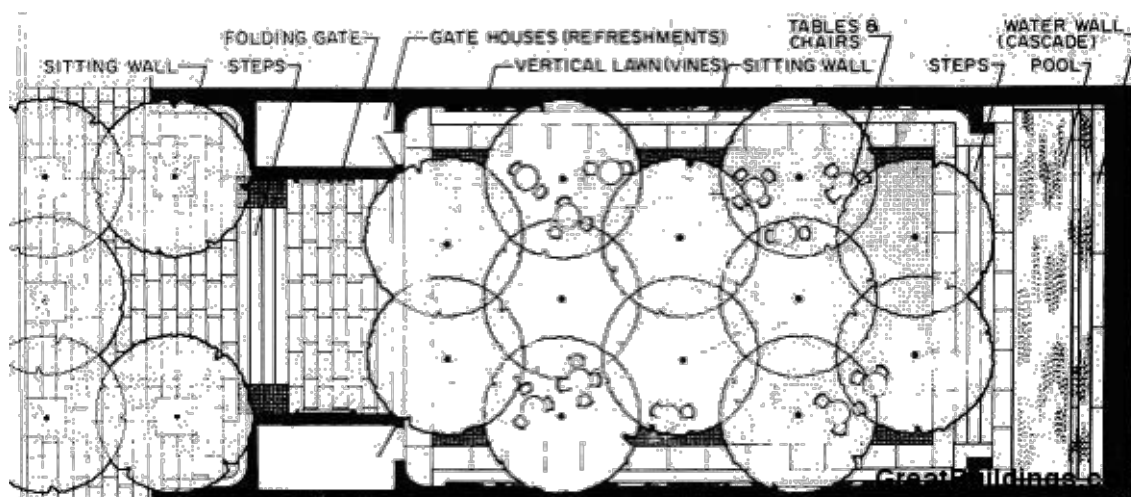


Fonte: Pinterest (2017)

#### 4.1.2 Aspeto funcional

Mesmo pequeno o Paley Park cumpre a sua função perfeitamente. Seu simples projeto formado principalmente por vegetação, agrega-lhe funções como a de proporcionar sombra através das árvores plantadas próximas e seus jardins verticais e demais plantas ajudam a torna o ar nele mais fresco e puro do que o da cidade. A cascata no fundo do terreno relativamente alta, proporciona um barulho de água fascinante de se ouvir, comparado aos intensos ruídos estressantes do trânsito e das cidades. Além de amenizar os sons indesejáveis, a cascata colabora para melhorar o frescor do ar e serve também para que os visitantes possam sentar próximo para se refrescar, molhar os pés e renovar as energias. Outro aspecto relevante é a pavimentação que continua até o meio fio, fazendo com que a calçada pareça fazer parte do pequeno parque. Esse simples detalhe pode chamar a atenção de diversas pessoas à entrarem no local. Contava também com um portão de grade que era utilizado para fechar o parque à noite e com um café destinado a vende de lanches e bebidas aos visitantes.

Figura 3 – Planta Baixa Paley Park



Fonte: Pinterest (2017)

#### 4.1.3 Aspecto ambiental

O Paley Park não possui uma diversidade grande de plantas, porém o projeto foi tão bem concebido que o pouco se tornou muito, algo agradável de olhar e aconchegante para permanecer. Em toda sua extensão conta apenas com árvores plantadas muito próximas, que as tornou mais altas e com copas mais fechadas proporcionando uma sombra adequada. Estas fazem parte da família das árvores caducas, sendo um aspecto muito relevante para o parque, pois no verão os visitantes podem desfrutar da sombra e no inverno podem sentar-se no sol com a perca das folhas. Em todo o restante do Paley há apenas vegetação vertical nos muros e alguns vasos de flores.

#### 4.2 GREENACRE PARK

Projetado pelo arquiteto paisagista californiano Hideo Sasaki, o Greenacre Park foi implantado na rua 51 de Nova York em 1971, quatro anos após o primeiro pocket na rua 53. O projeto foi bancado pela Fundação Greenacre, idéia da família Rockefeller que se dedicava à criação e gerenciamento de parques públicos. Com quase o dobro de tamanho do primeiro pocket, este recebe aproximadamente 10 mil visitantes por semana e já foi premiado pela Boston Society of Landscape Architects. Hideo Sasaki projetou o Greenacre respeitando as

ideias utilizadas no Paley Park, porém repetiu alguns princípios sem medo de ser acusado de plágio (BARRA, 2006, p.63).

#### 4.2.1 Aspecto formal

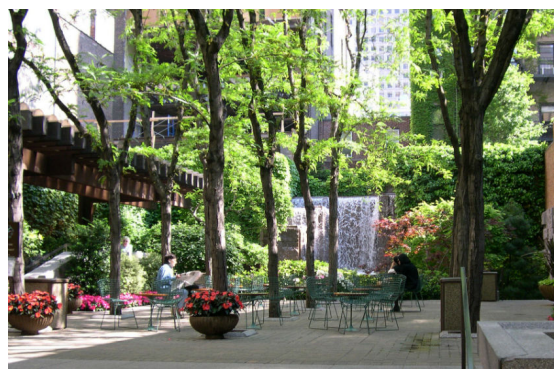
Implantado em um terreno de 18x36 m, Greenacre Park possuía um tamanho relativamente maior ao do Paley Park, porém com as mesmas características. O arquiteto Hideo Sasaki acrescentou apenas ao seu empreendimento espaços cobertos, pórticos na entrada e um chafariz no tanque da frente para valorizar ainda mais o acesso.

Figura 4 – Vista aérea Greenacre



Fonte: Pinterest (2017)

Figura 5 – Perspectiva Greenacre

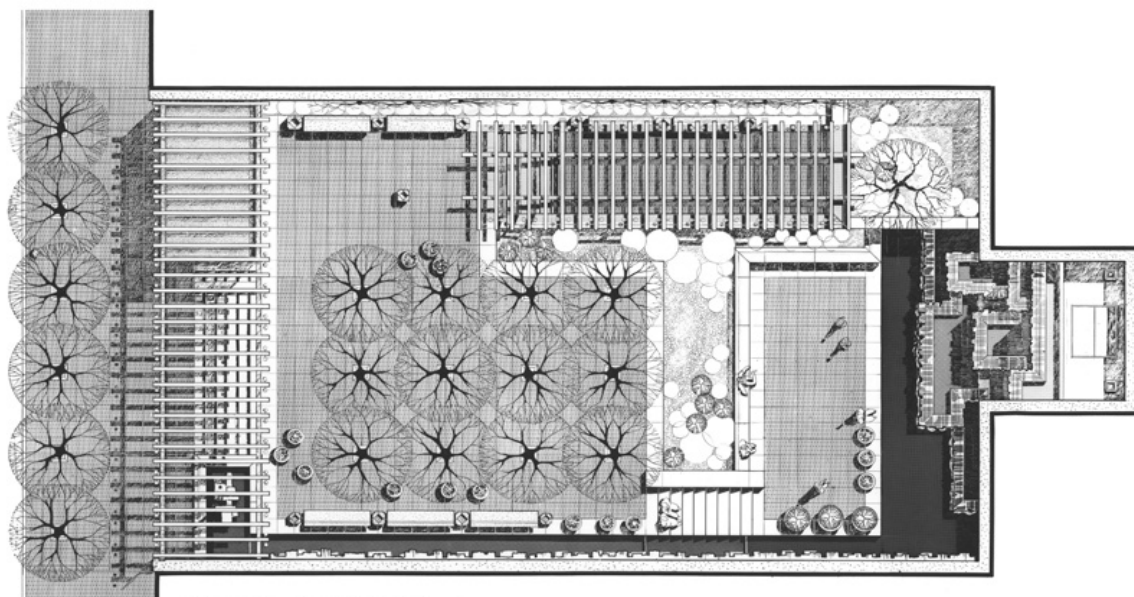


Fonte: Pinterest (2017)

#### 4.2.2 Aspecto funcional

Muito semelhante ao Paley Park, o Greenacre possuía apenas mais um tanque de água que se comunicava com o da cascata no fundo do lote e seguia por um córrego próximo ao muro em toda a extensão do lote. A disposição a mais de varandas elevadas cobertas por pergolados foi pensando nos dias chuvosos para que o pocket também pudesse ser utilizado, além disso, esses espaços contam com um sistema de aquecimento para amenizar a temperatura nos dias frios. Para Sasaki era de extrema importância o acesso e por isso reforçou com a implantação de um chafariz no tanque de entrada juntamente com um pórtico feito de pergolado.

Figura 6 – Planta Baixa Greenacre Park



Fonte: Pinterest (2017)

#### 4.2.3 Aspecto ambiental

Assim como no Paley Park, a diversidade de plantas é bem restrita. O Greenacre conta também apenas com árvores plantadas bem próximas para proporcionar sombra, jardins verticais próximos a cascata e alguns vasos com flores dispostos pelo terreno.

### 4.3 PRACINHA OSCAR FREIRE

Inaugurada em maio de 2014 em São Paulo, a Pracinha Oscar Freire foi implantada com o intuito de melhorar a qualidade de vida dos moradores do bairro, propondo a eles mais oportunidades de contato com espaços abertos públicos. Esta ocupou o lugar de uma antiga rampa de acesso de estacionamento. Este projeto foi idéia da REUD, que tem o objetivo de desenvolver espaços únicos na cidade de São Paulo. Juntamente com a parceria da ONG Instituto Mobilidade Verde foi possível a realização desta pracinha. Ela foi inspirada no movimento BYOB que significa, traga sua própria garrafa. Esse termo com os anos foi variando para outras coisas como, trabalho, reuniões, piquenique etc. A praça ainda consta com wifi grátis, para atrair as pessoas a ela e estimular a permanência das mesmas no local (PAISAGENS URBANAS, 2015).

### 4.3.1 Aspecto formal

Implantada no local de uma antiga rampa de estacionamento, a Pracinha Oscar Freire é pequena, aconchegante e chama atenção através de suas cores e sua parede lousa. Sua entrada é acessível e pode ser feita através da rampa ou das escadas que chegam a um estar mais elevado com bancos. Em sua forma insere-se também nos fundos do lote um local para venda de lanches e bebidas.

Figura 7 – Pracinha Oscar Freire de dia



Fonte: Instituto Mobilidade Verde (2017)

Figura 8 – Pracinha Oscar Freire à noite

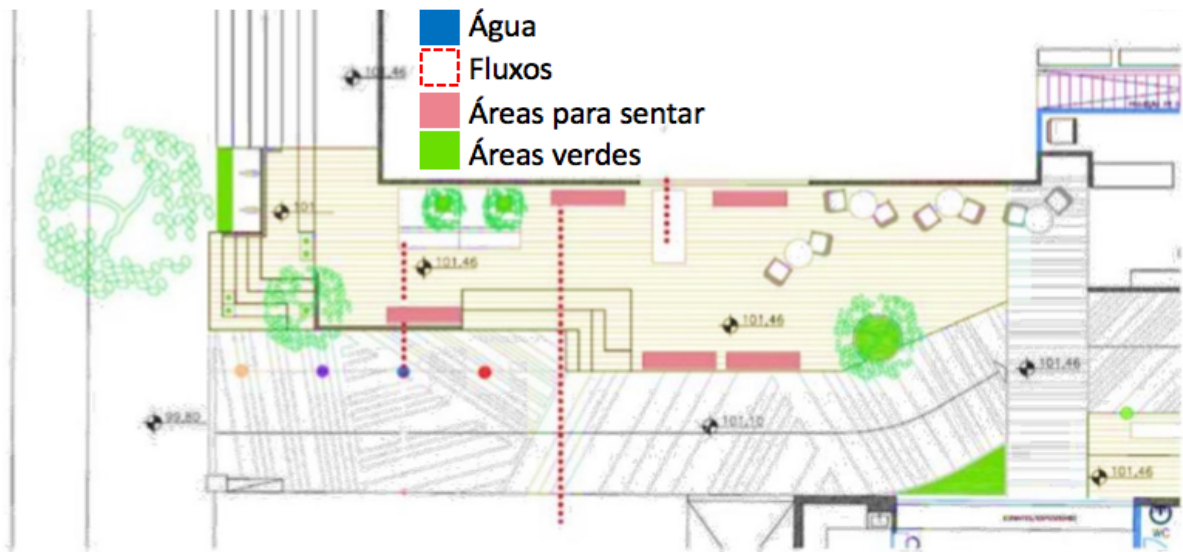


Fonte: Instituto Mobilidade Verde (2017)

### 4.3.1 Aspecto funcional

O conceito principal da Pracinha Oscar Freire, é convidar as empresas a trazerem seus funcionários em algum período do dia para trabalhar ao ar livre desse espaço tão agradável. Como o antigo local possuía uma rampa, a mesma foi mantida em metade da Praça para servir de acesso a pessoas com mobilidade reduzida e cadeirantes. Além disso, conta com uma área de estar ao ar livre para os visitantes passarem o tempo, descansarem, ou até mesmo realizarem trabalhos pessoais. Próximo à esta fica o muro lousa onde está escrito diversas coisas, uma delas é a seguinte frase, Antes de eu morrer, e embaixo dela diversas frases para as pessoas completarem, em quanto se divertem.

Figura 9 - Planta Baixa Pracinha Oscar Freire



Fonte: Pocket Parks-issu (2017)

#### 4.3.3 Aspecto ambiental

A praça não possui muitas vegetações, assim como é totalmente escasso a existência de árvores para sombras, porém como há construções no seu entorno, estas em determinadas horas do dia proporcionam sombreamento. Consta também com um pequeno jardim vertical que encontra-se na parede lousa, além de floreiras e vasos com plantas maiores principalmente próximo a área de estar.

#### 4.4 50TH STREET COMMONS

Com aproximadamente 240 metros quadrados, o 50th Street Commons foi construído na cidade de Midtown em Manhattan em 2007. O projeto foi elaborado pela AECOM, que se inspirou no admirável Paley Park. O objetivo da implantação do parque foi a de prestigiar a comunidade de Midtown que sofreu um determinado tempo com a construção de um sistema de ventilação.

Figura 10 – Vista aérea 50th Street Commons



Fonte: Pinterest (2017)

Figura 11 – 50th Street Commons



Fonte: Pinterest (2017)

#### 4.4.1 Aspecto formal

Inspirado nos parques de bolso, o 50th Street Commons possui tons neutros e pouquíssima vegetação e diferentes dos demais pockts possui canteiros com plantas em suas laterais. Em sua composição também entra a cascata aos fundos e mesinhas com cadeiras dispostas ao centro.

#### 4.4.2 Aspecto funcional

A principal função da implantação do 50th Street Commons foi a de contemplar a população de um bairro de Midtown que sofreu por muito tempo com as instalações de um sistema de ventilação para o East Side Access. A cascata de vidro aos fundos do parque possui um sistema de luzes que vão se alterando ao longo do dia. Esta foi projetada com o intuito de amenizar os sons indesejáveis do sistema de ventilação e também da cidade, além do seu barulho agradável servir para tranquilizar os visitantes.

#### 4.4.3 Aspecto ambiental

Mesmo com pouca vegetação e nenhuma árvore para sombreamento, o parque possui canteiros nas laterais onde encontram-se 22 espécies de plantas. Nesse canteiro foram colocadas treliças que servem de apoio para 1 das 22 espécies, as vinhas.

#### 4.5 ANÁLISE DOS CORRELATOS

Nos correlatos apresentados anteriormente buscou-se analisar conceitos relativos que se encaixam nos aspectos formais, funcionais e ambientais. O objetivo desse estudo foi agregar melhor embasamento sobre o assunto, para inspirar-se e elaborar da melhor forma possível o projeto do pocket park para o município de Dois Vizinhos-PR.

O primeiro correlato trata-se do Paley Park localizado em Nova York, que contribuirá em todos os aspectos, principalmente na disposição dos elementos no terreno e servirá como referência para escolha da vegetação.

Em seguida, o Greenacre Park também localizado em Nova York, auxiliará na parte formal, funcional e ambiental através do seu pórtico de entrada que ressalta o acesso, dos espaços cobertos por pergolados para os dias chuvosos e também dos tanques com água e chafariz advindos da cascata que percorrem o terreno, além da sua arborização plantadas muito próximas.

No terceiro aborda-se a Pracinha Oscar Freire localizada na cidade de São Paulo, sua principal contribuição será nos aspectos ambientais, através da sua disposição de vasos de plantas e floreiras espalhadas pelo decorrer do parque.

Por fim, o correlato do 50th Street Commons que servirá como referência formal e ambiental com a sua cascata que muda de cor e os seus canteiros para vegetação nas laterais do terreno.

## 5. APLICAÇÃO NO TEMA DEMILITADO

Após a fundamentação teórica e a análise realizada dos correlatos, será abordado o histórico da cidade e os dados presentes na mesma, assim como também, dados do terreno, análises, programa de necessidades, fluxograma e intenção projetual.

### 5.1 CIDADE

Dois Vizinhos é um município Brasileiro que esta localizada no Sudoeste do Paraná. Fica distante 490 km da capital Curitiba, e fica situado cerca de 50 km ao norte de Francisco Beltrão, cerca de 180 km ao sul de Cascavel, faz limites com os municípios de Boa Esperança do Iguaçu, Cruzeiro do Iguaçu, São Jorge do Oeste, Salto do Lontra, Enéas Marques e Verê. Seus principais acessos são pelas rodovias PR-281 e PR-469. Consta com uma área de 418,320 km<sup>2</sup> e uma população de 39.500 habitantes, com um IDH considerado alto e um PIB per capita de 17 669,80 (PREFEITURA, 2017; IBGE, 2017).

Figura 12 – Vista aérea do Município de Dois Vizinhos-PR



Fonte: Prefeitura Municipal de Dois Vizinhos (2017)

Figura 13 - Mapa do Município de Dois Vizinhos- PR



Fonte: Prefeitura Municipal de Dois Vizinhos (2017)

### 5.1.1 História

O município teve sua história iniciada na década de 1940, quando muitos gaúchos e catarinenses atraídos pela facilidade de adquirir terras vieram para a região. Assim surgiram os primeiros moradores da região que até então era mata virgem com animais silvestres. Muitos caçadores vinham para essa região na busca pela pele desses animais, para vendê-las no Rio Grande do Sul. Desta forma, os primeiros habitantes iniciaram uma colonização desordenada, onde estes não possuíam “meios financeiros para suportar as despesas de se instalarem, plantando então a terra com milho e feijão, fazendo roças nas derrubadas de mato”. Em 25 de julho de 1960, o município de Dois Vizinhos foi criado pela Lei nº 4254/60, através do projeto do Deputado Domício Scaramella, sancionado pelo Governador Moisés Lupion. A oficialização

do mesmo só ocorreu em 28 de novembro de 1961, junto com a posse do primeiro prefeito eleito (PREFEITURA, 2017).

Duas são as versões com referência ao nome Dois Vizinhos, uma delas atribuída a Atanásio Pires, conta que ele ao descer de canoa pelo Rio Chopim teria se deparado com a foz de dois rios, um de cada lado, tendo dito: “oia aí os dois vizinhos”. A outra se origina no fato de existir duas moradas próximas a um rio, uma localizada em uma margem e outra moradia na outra margem, o que então levou ao nome de Rio Dois Vizinhos em homenagem a esses dois moradores que antes mesmo da criação do município já moravam no local. Havia no distrito duas vilas que faziam parte da sua sede, uma ao norte, conhecida por Dois Vizinhos, e outra ao sul conhecida por Jirau Alto, eram separadas pelo Rio Dois Vizinhos, então, um decreto de 1966 unificou as vilas como único município, denominando-as Cidade Norte e Cidade Sul. Segue dessa forma até os dias atuais, a composição urbana de dois centros, considerado grande marco da cidade, (LOVISON, 2008).

#### 5.1.2 Economia

A economia do município é baseada principalmente nos setores agropecuário, serviços e indústria. O grande destaque econômico do município é o setor de avicultura, pois Dois Vizinho é considerado a Capital Nacional do Frango, possuindo a maior produção e o maior abate de aves da América Latina. São aproximadamente 1.204 aviários fornecendo matéria prima, resultando em um abate de 510 aves por dia (PREFEITURA, 2017).

#### 5.1.3 Cultural

Com aproximadamente 40 mil habitantes, Dois Vizinhos é uma cidade moderna e em constante desenvolvimento. A Cultura é preservada na dança, nos pratos típicos, na arte e nos costumes deste povo. A beleza de Dois Vizinhos também é refletida em suas ruas e avenidas, obras, igrejas, lagos, bosques e praças, com destaque para o parque de exposições, um dos mais belos do Paraná com uma estrutura invejável e é palco de uma das maiores feiras de exposições do Paraná (PREFEITURA, 2017).

### 5.1.4 Hidrografia

A cidade está situada em um importante divisor de águas da região, são inúmeros córregos nascentes e riachos como Lajeado Grande, Iguaçu, Jaracatia e Chopim, que compõem a bacia do Rio Paraná. No perímetro Urbano são dois rios: Jirau Alto que abastece a cidade, e o rio Dois Vizinhos que dá nome ao município. Em torno do terreno não há nascentes, córregos, rios ou riachos (PREFEITURA, 2017).

### 5.1.5 Construções civil

É um setor crescente na cidade hoje, teve seu auge entre os anos de 1997 á 2007 onde houve um crescimento de 408,34%, devido ao grande fluxo de estudantes que buscam fazer cursos nas faculdades públicas e privadas de Dois Vizinhos (IBGE, 2017).

## 5.2 TERRENO

O terreno escolhido para a implantação do Pocket Park fica localizado no Centro do Município de Dois Vizinhos-PR, quadra 87. O mesmo possui uma dimensão de 15x25 m e uma área de 375 m<sup>2</sup>, tendo acesso apenas pela Rua unidirecional João Dalpasquale.

Figura 14 - Esquema de Localização do terreno



Fonte: Autora (2017)

## 5.3 ANÁLISE DO TERRENO

O significado de pocket park é parque de bolso, ou seja, o seu conceito baseia-se em ser implantado nos centros urbanos das cidades em terrenos com construções à sua volta. Para isso

foi escolhido um terreno vago em uma das ruas mais movimentadas do centro de Dois Vizinhos-PR. Atualmente a área não consta com nenhum tipo de vegetação, edificação ou muro que impeça o acesso a ele, porém o mesmo é utilizado diariamente pela população local e dos municípios vizinhos como estacionamento grátis. O local escolhido é de fácil acesso, por encontrar-se no centro da cidade e junto a ele encontram-se na calçada apenas duas árvores de porte médio, um ponto de ônibus e uma placa de sinalização.

Figura 15 - Perspectiva terreno



Fonte: Autora (2017)

Figura 16 - Vista Frontal terreno



Fonte: Autora (2017)

Apesar da região de Dois Vizinhos ser bastante acidentada, o terreno escolhido possui uma topografia privilegiada com um desnível relativamente plano, essa vantagem o torna um terreno com pontos positivos para as soluções projetuais.

Figura 17 – Corte do terreno



Fonte: Google Earth (2017)

Em sua insolação, receberá o sol da manhã na sua fachada principal. Durante o dia passa a receber o sol do norte e sul, pois nessas orientações não há edificações com alturas consideráveis para barrar essa constância durante todo o dia. Contudo, seus ventos predominantes encontram-se a nordeste, ou seja, na fachada de acesso.

Figura 18 - Esquema de insolação e ventos predominantes



Fonte: Autora (2017)

#### 5.4 ANÁLISE DO ENTORNO

A localização do terreno encontra-se bem no centro da cidade, com esse privilégio receberá muitos visitantes devido ao alto fluxo de pedestres que giram em seu entorno. Entre os principais empreendimentos próximos que geram esse fluxo de pedestres e veículos nessa região está os bancos, do Brasil, Bradesco, Itaú e Sicredi, além da Caixa e Chiquinho sorvetes. Ainda há muitos outros empreendimentos que colaboram para a movimentação elevada de dessa área, como farmácias, academia, posto de combustível, lojas de roupas, calçados, móveis e eletrodomésticos.

Figura 19 - Mapa do Entorno do terreno



Fonte: Autora (2017)

## 5.5 PROGRAMA DE NECESSIDADES

O programa de necessidades foi desenvolvido baseado nos correlatos analisados, onde mantem-se o conceito de pocket park. A topografia do terreno também foi levada em conta para a elaboração do mesmo, com o objetivo de projetar o melhor ambiente possível para a população do município.

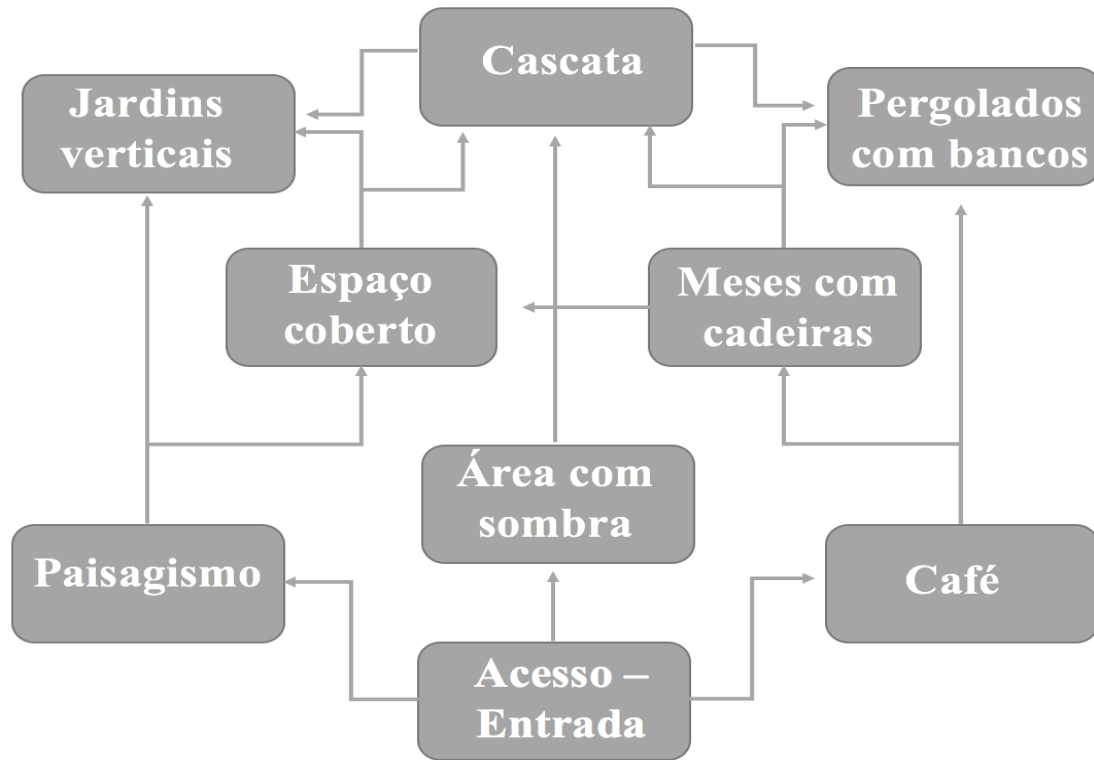
- Acesso/Entrada
- Área com Sombra
- Mesinhas com cadeiras
- Pergolados com bancos
- Cascata
- Café
- Paisagismo
- Jardins Verticais
- Espaço Coberto

## 5.6 FLUXOGRAMA

O fluxograma proposto na figura abaixo representa as necessidades para a elaboração de um projeto de pocket park. É composto não só por essas exigências, mas também atendendo

as necessidades da população e respeitando a topografia do terreno.

Figura 20 - Fluxograma



Fonte: Autora (2017)

## 5.7 INTENÇÕES PROJETUAIS

Toda a extensão do pocket park será desenvolvido pensando no bem-estar dos moradores locais e visitantes, levando em consideração a insolação e conforto, além da harmoniosa intenção formal, funcional e ambiental que proporcionará emoções e sensações positivas aos usuários.

Por se tratar de uma área com pouco uso, a proposta do parque para o local será de grande relevância, para o meio urbano, pois este será algo novo para a população. Além disso, essa implantação agregará mais valor a cidade que atualmente consta com poucas áreas livres públicas, para melhor qualidade de vida e bem-estar da população. Portanto, as intenções projetuais para a nova utilização do terreno busca a conexão da população com o parque, tornando este um local fascinante aos olhos do público, resultando em visitas constantes pelos mesmos.

O projeto do pocket park procura transmitir sensações aos usuários através das cores propostas e do barulho da água caindo vindo da cascata nos fundos do terreno, que será implantado ao fim para chamar a atenção e fazer os visitantes percorrerem por toda a extensão do parque até chegar a ela. Esta que tem a missão de tranquilizar os visitantes, ainda cumpre o papel de refrescar o ar e amenizar os barulhos indesejáveis da cidade. Através de córregos pretende-se percorrer essa água pelo terreno, tornando o ambiente ainda mais agradável e o contato com a mesma mais fácil, seguindo as idéias de Hideo Sasaki.

No terreno há insolação constante durante o dia, desta forma, assim como nos dois primeiros correlatos será plantado árvores bem próximas no centro do parque, para que o crescimento vertical seja estimulado e com isso a copa das mesmas tornem uma sombra mais densa. Isso influenciara também na temperatura do ar, tornando o ambiente mais agradável nos dias quentes. A escolha da arborização foi pensada de forma a proporcionar o melhor conforto possível as pessoas, portanto, a espécie escolhida pertence a família das árvores caducas.

Para melhor conforto será disposto em baixo da agradável sombra das árvores mesas com cadeiras, além de bancos em baixo de pergolados nas laterais do terreno. Pensando na utilização por completa do parque, será proposto um espaço coberto para que mesmo em dias chuvosos o local possa ser frequentado normalmente.

O paisagismo no restante do pocket estará disposto por toda a extensão do terreno, abrangendo espécies arbustivas, floríferas e de forração. Estas foram selecionadas de acordo com o clima local, para que se adaptem melhor, além da verificação das quais desenvolvem melhor os sentidos humanos, através de suas texturas. Aromas, cores e formas, para que assim possam aguçar a mente do homem possibilitando maiores índices de bem-estar.

## 6 CONSIDERAÇÃO FINAIS

O presente trabalho teve como intenção a proposta implantação de um Pocket Park para o Município de Dois Vizinhos – PR, pois atualmente nota-se uma grande precariedade de áreas verdes no município, que possam servir de lazer para a convivência, interação e melhor qualidade de vida da população.

Com isso, esse oásis urbano ocupara dentro da cidade um local pouco utilizado, dando a ele uma adequada utilização. Trazendo com isso, benefícios à cidade e a população através desse espaço. Os Pockets Parks, habitualmente conhecidos como oásis urbanos, são ambientes novos não só para as cidades, mas também para o homem urbano. Eles se encaixam no grupo das áreas verdes, praças e parques bem conhecidos por todos, porem possui algumas características diferentes.

Nas pesquisas realizadas pode-se perceber que a arquitetura tem muita influência na saúde e na qualidade de vida das pessoas, não apenas na criação de espaços com um bom conforto ou com uma estética elevada juntamente com a composição da sua vegetação, mas é perceptível sua atuação quanto ao psicológico causado por um ambiente bem projetado. Esse indiferente de ser uma residência, comercio ou lazer, o ambiente sempre irá propiciar diferentes sensações aos que o observam ou fizerem uso. Essas sensações podem ser boas ou ruins, isso irá depender de cada indivíduo e também das formas, materiais, e vegetação empregados no local.

Desta forma, torna-se de grande relevância a interpretação das emoções causadas pelos diferentes indivíduos em relação à áreas construídas, para que então possa se criar ambientes que proporcionem boas reações psicológicas para a maioria das pessoas.

As áreas verdes, praças, parques e os atuais pocket parks foram e são cada vez mais essenciais nos centros urbanos de hoje, pois em meio a tanto concreto e a rotina de trabalho exaustiva, esta difícil viver nas cidades com a ausência desses locais. Pois estes, podem proporcionar a cidade locais com sombra onde as pessoas possam frequentar e se refugiar do meio urbano, além de desenvolver a função de absorver os poluentes, tornando o ar mais limpo e agradável. Suas funcionalidades vão muito além, conseguindo tornar o clima das regiões ao seu entorno mais agradáveis, além de embelezar as cidades agregando maior valor à elas.

Para a realização deste, além de pesquisas foi buscado a comparação com obras correlatas para o melhor desenvolvimento do mesmo, onde pode-se extrair inspirações e auxílios para o projeto em questões formais, funcionais e ambientais. Mostrando com isso, o quanto é possível em diferentes aspectos contribuir para a satisfação pessoal, tratando-se do principal fator de

descontentamento da população urbana, que é a busca por locais que sirvam de refúgios dos centros urbanos.

## REFERÊNCIAS

- ABBUD, Benedito. **Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística**. 4. ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.
- BARRA, Eduardo. **Paisagens úteis**: escritos sobre paisagismo. São Paulo: Senac São Paulo: Mandarim, 2006.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2001.
- BRITTES, Leticia Schwerz. **História Ambiental**: A paisagem urbana em jóia. Ijuí: UNIJUI, 2010. Disponível em: <http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/611/Leticia%20-%20TCC%20final.pdf?sequence=1> acesso em: Abr. 2017.
- BARRA, Eduardo. **Paisagens úteis**: escritos sobre paisagismo. São Paulo: Senac São Paulo: Mandarim, 2006.
- BONAMETTI, João Henrique. **Paisagem Urbana**: Bases conceituais e históricas. UNIFIL: 2004. Disponível em: <http://web.unifil.br/docs/revistaeletronica/terracultura/38/Terra%20e%20Cultura38-10.pdf> acesso em: Abr. 2017.
- CARVALHO, Benjamim de Araújo. **A História da Arquitetura**. 2011.
- CHOAY, Françoise. **O urbanismo**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva S.A., 2003.
- CHADDAD, João. **Composição paisagística em parques e jardins**. Piracicaba: FEALQ, 2000.
- CARFAN, Ana Claudia; GALVANI, Emerson; NERY, Jonas Teixeira. **O efeito do sombreamento no conforto térmico estudo de caso**: cidade de São Paulo: Portugal: 2010. Disponível em: [http://www.uc.pt/fluc/cegot/VISLAGF/actas/tema3/ana\\_carfan](http://www.uc.pt/fluc/cegot/VISLAGF/actas/tema3/ana_carfan) acesso em: Mar. 2017.
- DELPHIM, Carlos Fernando de Moura. **Intervenções em jardins históricos**: manual. Brasília: Ed. IPHAN, 2005.
- DOURADO, Guilherme Mazza. **Modernidade Verde**: jardim de Burle Marx. São Paulo: SENAC, 2009.
- EACH/USP. Lazer & sociedade: **Lazer e ambiente**: propostas, tendências e desafios. São Paulo: Aleph, 2011.
- FARAH, Ivete; SCHELEE, Monica Bahia; TARDIN, Raquel (Org.). **Arquitetura paisagística contemporânea no Brasil**. São Paulo: Senac São Paulo, 2010.

FARINA, Modesto. *Psicodinâmica das Cores em comunicação*. São Paulo: Esgard Blucher Ltda, 1986.

FARRET, Ricardo Libanez. **O espaço da cidade**: contribuição à análise urbana. São Paulo: Parma, 1985.

FRANCO, Maria de Assunção Ribeiro. **Desenho Ambiental**: Uma Introdução à Arquitetura da Paisagem com o Paradigma Ecológico. 3. ed. São Paulo: Annablume: Fapesp, 1997.

FROTA, Anésia Barros; SCHIFFER, Sueli Ramos. **Manual de Conforto Térmico**. 8. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2003.

FAVRETTO, Ana Paulo; CHVATAL, Karin Maria S.. **Contribuições para o conforto térmico urbano: caracterização de espécies arbóreas na cidade de São Carlos, SP**. Búzios, RJ: 2011. Disponível em: <http://apoioididatico.iau.usp.br/IAU0649/images/topico2artigo14.pdf> acesso em: Mar. 2017.

GLANCEY, Jonathan. **A História da Arquitetura**. São Paulo: Loyola, 2001. Disponível em:

GUTIERREZ, Gustavo Luis. **Lazer e Prazer**: questões metodológicas e alternativas políticas. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre; SOARES, Beatris Ribeiro. **A vegetação nos Centros Urbanos**: Considerações sobre os espaços verdes em cidades médias brasileiras. Uberlândia: 2003. Disponível em: <http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/a%20vegetação%20nos%20centros%20urbanos.pdf> acesso em: Mai. 2017.

HAROUEL, Jean-louis; tradução Ivone Salgado. **História do urbanismo**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 1990.

IBGE - **Instituto Brasileiro de Geografia e estatística**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/> acesso em: Mai. 2017.

INSTITUTO MOBILIDADE VERDE. Disponível em: <https://institutomobilidadeverde.wordpress.com> acesso em: Mai. 2017.

LAMAS, J.M.R.G; **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. FCG- Fundação Calouste Gulbenkin. Outubro, 2000.

LACY, Marie Louisie. **O Poder das Cores no Equilíbrio dos Ambientes**. São Paulo: Pensamento, 1996.

LABAKI, Lucila Chebel et al. **Vegetação e conforto térmico em espaços urbanos abertos**. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: [http://www.forumpatrimonio.com.br/seer/index.php/forum\\_patrimonio/article/viewFile/12/11](http://www.forumpatrimonio.com.br/seer/index.php/forum_patrimonio/article/viewFile/12/11) acesso em: Mar. 2017.

LEENHARDT, Jacques. **Nos Jardins de Burle Marx**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LIRA FILHO, José Augusto de. **Paisagismo**: Princípios Básicos. Viçosa: Aprenda Fácil, 2001.

LIMA, Valéria; AMORIM, Margarete Cristiane de Costa Trindade. **A importância das áreas verdes para a qualidade ambiental das cidades**. São Paulo: UNESP, 2006.

LANDIM, Paula da cruz. **Desenho de paisagem urbana**: As cidades do interior Paulista. São Paulo: Unesp, 2004. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=5S9arSOyWeYC&oi=fnd&pg=PA11&dq=paisagens+urbanas&ots=a18VJqnMZf&sig=KXWyNs\\_y7NVwF28FtR6zh6pZ9xk#v=onepage&q=paisagens%20urbanas&f=false](https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=5S9arSOyWeYC&oi=fnd&pg=PA11&dq=paisagens+urbanas&ots=a18VJqnMZf&sig=KXWyNs_y7NVwF28FtR6zh6pZ9xk#v=onepage&q=paisagens%20urbanas&f=false) e acesso em: Mai. 2017.

MALUF, Renata Felizola. **Pocket Parks**: Pontos de respiro para a metrópole. São Paulo: Senac, 2014.

MENDES, Chico; VERÍSSIMO, Chico; BITTAR, William. **Arquitetura no Brasil**: de Cabral a Dom João VI. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011a.

\_\_\_\_\_, Chico; VERÍSSIMO, Chico; BITTAR, William. **Arquitetura no Brasil**: de Dom João VI a Deodoro. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011b.

MERCANTE, M. A. **A vegetação urbana**: diretrizes preliminares para uma proposta metodológica. Londrina: UEL, 1991.

MARX, Roberto Burle; José Tabacow, organização e comentários. **Roberto Burle Marx**: Arte & Paisagem. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

MACEDO, Silvio Soares. **Paisagismo Brasileiro na virada do século**: 1990-2010. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

MASCARÓ, Juan Luis; YOSHINAGA, Mário. **Infra-estrutura urbana**. Porto Alegre: Masquatro, 2005.

\_\_\_\_\_, Juan Luis (org.). **Infra-estrutura da Paisagem**. Porto Alegre: Masquatro, 2008.

MARICATO, Erminia. **Brasil, cidades**: alternativas para a crise urbana. 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

MORETTI, Ricardo de Souza. **Normas Urbanísticas para habitação de interesse social: recomendações para elaboração**. São Paulo: Instituto de Pesquisas Tecnológicas, 1997.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do Lazer**: uma introdução. 3. ed. São Paulo: Autores Associados, 2002.

MESQUITA, Liana de Barros; CARNEIRO, Ana Rita Sá. **Espaços Livres do Recife**. Recife: UFP, 2000.

MONTEIRO, Andrea Cristina de Oliveira. **A arquitetura bioclimática**: experiência e aplicação em Portugal. Portugal: 2011. Disponível em: <https://www.google.com.br/> acesso em: Mar. 2017.

MELCHER, Henry. The Architects Newa Paper. 2014. Disponível em: <https://archpaper.com/2014/11/ventilation-vegetation/> acesso em: Mai. 2017.

PAIVA, Haroldo Nogueira de; GONÇALVES, Wantuelfer. **Florestas Urbanas**: Planejamento para a melhoria da qualidade de vida. Viçosa, MG: Aprenda Fácil, 2002.

PINTEREST. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/512847476298836683/> acesso em: Mai. 2017.

PAISAGENS URBANAS. Disponível em: <https://uffpaisagismo.wordpress.com/2015/09/09/pracinha-oscar-freire/> acesso em: mai. 2017.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DOIS VIZINHOS. Disponível me: [http://doisvizinhos.pr.gov.br/noticias/dois-vizinhos-se-prepara-para-comemorar-53-anos/#.WSDxE1LOo\\_U](http://doisvizinhos.pr.gov.br/noticias/dois-vizinhos-se-prepara-para-comemorar-53-anos/#.WSDxE1LOo_U) acesso em: Mai. 2017.

SÃO PAULO ESTADÃO, 2014. Disponível em: <http://sao-paulo.estadao.com.br> acesso em: Mai. 2017.

QUEIROGA, E. F. Et al. **Sistema de espaços livres**: Conceitos, conflitos e paisagens. São Paulo: FAUUSP, 2011.

ROBBA, Fabio; MACEDO, Silvio Soares. **Praças Brasileiras**: Public squares in Brazil. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

RODRIGUES, Ferdinando de Moura. **Desenho urbano, cabeça, campo e prancheta**. São Paulo: Parma, 1986.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **Normas Urbanísticas para habitação de interesse social**: recomendações para elaboração. 2. ed. São Paulo: ProEditores, 2000.

\_\_\_\_\_, Marta Adriana Bustos. **Arquitetura Bioclimática do espaço público**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

ROCHA, Bruno Ribeiro da ; DELCONTI, Wesley Luiz. **A relação entre o lazer e a qualidade de vida**: indicativos à atuação do profissional em educação física. Maringá: Cesumar, 2008. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/educacao\\_fisica\\_artigos/relacao\\_lazer\\_qualidade\\_vida.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/educacao_fisica_artigos/relacao_lazer_qualidade_vida.pdf) acesso em: Abr. 2017.

SAMPAIO, Tânia Mara Vieira; DA SILVA, Junior Vagner Pereira. **Lazer e cidadania**: horizontes de uma construção coletiva. Brasília: Universa, 2011.

SUN, Alex. **Projeto de Praça**: convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

SOUZA, Geovani dos Santos et al. **O lazer dentro da sociedade moderna**. 2011. Disponível em: <https://www.artigos.etc.br/o-lazer-dentro-da-sociedade-moderna.html> acesso em: Abr. 2017.

SILVA, Alessandra Teixeira. **História do Paisagismo no Brasil**. Minas Gerais: UNILAVRAS, 2009. Disponível em: <http://www.lavras24horas.com.br/portal/historia-do-paisagismo-no-brasil/> acesso em: Mai. 2017.

SILVEIRA, José Augusto Ribeiro da et al. **Espaços livres públicos**: lugares e suas interfaces intraurbanas. João Pessoa: AB, 2016. Disponível em: [https://issuu.com/laurbeufpb/docs/espac\\_\\_os\\_livres\\_pu\\_\\_blicos\\_\\_e-book](https://issuu.com/laurbeufpb/docs/espac__os_livres_pu__blicos__e-book) acesso em: Mai. 2017.

TARDIN, Raquel. **Espaços livres**: sistema e projeto territorial. Rio de Janeiro: 7letras, 2010.

TATE, Alan. **Great City Parks**. 2. ed. New York: Spon Press, 2001.

WATERMAN, Tim; tradução técnica Alexandre Salvaterra. **Fundamentos de Paisagismo**. Porto Alegre: Bookman, 2010.